Ano XXI — Setembro/Outubro de 1965 — N.os 245-246

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

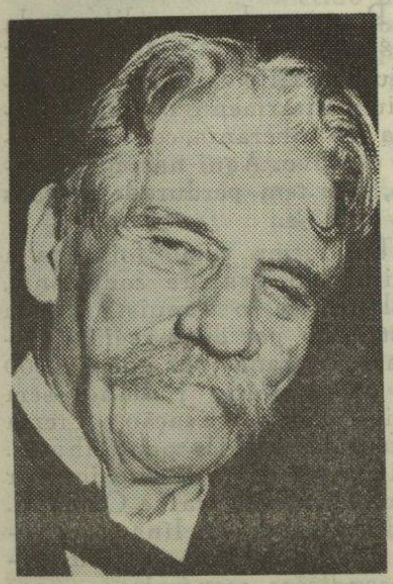
Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 ● Comp. e Imp.: TIPOGRAFIA VIEIRA — R. de Belém, 15 e 17 — LISBOA-3



A morte de Schweitzer

A morte de Alberto Schweitzer, em 4 de Setembro último, veio pôr termo a uma das mais fabulosas existências dos tempos actuais. E dizemos fabulosa porque não nos repugna assim considerar os actos de um homem que se situam tão fora dos hábitos que, de uma maneira geral, são adoptados na sociedade de hoje.

Surpreende realmente que um homem tão dotado de aptidões — era músico distinto, escritor de nome feito, teólogo, filósofo e professor de reputação firmada — escolhesse a humilde carreira de missionário numa das mais inóspitas regiões do globo, renunciando à vida fácil das grandes urbes civilizadas, onde ele tinha assegurado lugar proeminente nas classes mais cultas. Há, de facto, que considerar fabulosa uma existência que prefere, às comodidades e esplendores da vida de sociedade, os escolhos de uma missão ignorada, num mundo rebelde e hostil, entregue a tarefas que o faziam estar em permanente contacto com os mais tristes exemplos da miséria humana de uma região onde pululam as mais asquerosas enfermidades.

Segundo os conceitos impostos pela vida moderna, o grande Apóstolo de Lambaréné foi um homem de resoluções estranhas, bizarras mesmo.

É indubitável que os acontecimentos que estigmatizam a vida actual produzem espectáculos das mais desoladoras consequências, figuras bem elucidativas do apuramento a que podem chegar as manifestações da ferocidade humana. E embora a sociedade desaprove o criminoso desvairamento que, aqui e ali, observa, não se registam atitudes de positiva e nítida repulsa pela deterioração das relações entre os homens. Ao invés, cada qual tenta acomodar-se, o melhor possível, às contingências a que os acontecimentos dão lugar.

Schweitzer é o homem que aparece a marcar uma posição firme contra esta tendência para a passividade, para o conformismo. Na cidade de Colmar, em frente da estátua do almirante Bruat, Schweitzer admira a imagem de um negro, numa postura triste e humilhada. Num repente, tem a percepção nítida do muito que é necessário realizar para que seja alcançada a emancipação das multidões de desprotegidos que povoam o mundo.

A sua decisão está tomada. É a decisão extraordinária de um homem extraordinário. *Escolhe a profissão de homem*, como muito bem referiu um escritor argentino. Deixa o caminho largo que a sua carreira lhe oferecera e mete pela vereda difícil e pejada de escolhos que o leva a contactar com massas humanas perdidas no Gabão, vivendo à míngua de todo e qualquer recurso. Era aí que ergueria o seu acampamento, em resposta à chamada que em si próprio sente vibrar.

Schweitzer é, assim, o homem que procura a Verdade e não a repudia, embora ela se mostre mais difícil e dolorosa do que se antevia até nas previsões mais realistas. É o filósofo em acção, o homem que só compreendia nele o desejo de viver, na medida em que se devotava a outras vidas.

Verdadeiramente morreu um Homem. Todavia, a sua personalidade aprimorada, a obra extraordinária que realizou e o magnífico exemplo de solidariedade humana que nos ofereceu, não mais morrerão, antes continuarão perenemente como luzes fulgurantes no firmamento escuro de um mundo sem ideais.

JOEL RIBEIRO

A VIDA MARAVILHOSA DE ALBERTO SCHWEITZER

A INFÂNCIA

Quando em 14 de Janeiro de 1875, em Kaysersberg, na Alsácia superior, nasceu o segundo filho ao pastor evangélico Ludwig Schweitzer, ninguém diria que essa criança, tão pequenina e enfermiça que recearam pela sua sobrevivência, iria gozar de uma vida longa e de uma saúde *de ferro*. Era tão fraquinho que, seis meses depois, quando seu pai foi transferido para a paróquia de Günsbach, no Vale do Münster, as senhoras da igreja mostraram-se tão condoídas à vista da criancinha que sua mãe a tomou nos braços e se afastou apressadamente para o quarto, enquanto chorava copiosamente e a cobria de beijos.

Apesar disso, a sua saúde fortaleceu-se e é ele próprio que confessa ter passado, em companhia de três irmãs e um irmão, *uma infância e juventude extremamente felizes, turvada apenas por frequentes enfermidades do pai*, que posteriormente melhorou de saúde, o que lhe permitiu dispensar assistência espiritual intensa à população do Vale.

Alberto, assim se chamou o pequenito, descendia de duas interessantes famílias. Seu pai provinha de uma família de pastores evangélicos, professores, organistas e lavradores. O avô paterno era pastor, professor primário e organista em Pfaffenhofen, na Alsácia inferior. Sua mãe, Adele Schillinger, era filha do pastor Schillinger, de Mühlbach, no mesmo Vale do Münster. Este era figura de

Segue na última página

Compreenda o Problema

A questão de Caxemira

Para bem compreender o conflito que opõe o Paquistão à Índia, é necessário conhecer o problema que afecta o reino da Caxemira, problema que pràticamente nasceu no momento em que a Grã-Bretanha deu a independência àquelas duas nações. Convém, desde já, esclarecer que a partilha do grande continente indostânico foi bastante artificial. É que não existia ali unidade política, nem os elementos essenciais que justificam uma nação. A par da chamada Índia Inglesa, contavam-se nada menos de 562 principados ou reinos, cujos príncipes, marajás ou *nizams*, ou ainda *nabab* na designação muçulmana, exerciam uma soberania absoluta. Alguns destes reinos eram pequenos territórios, entre estes alguns não teriam dimensões superiores a um campo de futebol, mas outros eram grandes, com exército, correios e caminhos de ferro. Todos estes rajás eram e são, no entanto, extraordinàriamente ricos a uma escala só possível no Oriente. Um deles, por exemplo, o de Kapurthala, tem um palácio que é cópia do de Versalhes e na sua corte fala-se francês. Todos eles são homens de elevados estudos, adquiridos nas mais famosas universidades britânicas. Os seus palácios, riquíssimos, ostentam o maior luxo e opulência. De todos, o mais rico e poderoso era o *nizam* de Haiderabade. Possuía 19 milhões de súbditos; 6 milhões de contos em jóias e pedras preciosas; 900 mil contos em ouro; 9 mil contos em contas bancárias, etc. etc.

A par destas fabulosas riquezas, e para além de uma casta privilegiada, o povo vivia na maior miséria, ignorando tudo e desconhecendo mesmo a existência de outros povos vizinhos. No momento da independência, havia 90% de analfabetos naquele continente.

Todos estes soberanos estavam ligados à coroa inglesa por um juramento de fidelidade. A independência, concedida em 15 de Agosto de 1947, veio trazer-lhes complicações, pois tiveram necessidade de se entender com os dirigentes das duas repúblicas. A divisão do grande continente foi feita principalmente com base na religião. Os estados predominantemente muçulmanos constituíram o Paquistão, enquanto os hindus formaram a União Indiana, num conjunto de 27 estados autónomos.

Foram necessárias negociações para solucionar a situação desses príncipes privilegiados, que renunciaram finalmente à sua soberania, mediante a concessão de uma lista civil e o reconhecimento das suas posições, ficando a desempenhar o papel de chefes de estado, embora a autoridade efectiva pertença aos governos estatais.

O citado *nizam* de Haiderabade, muçulmano, cujo povo era de maioria hindu, não quis abdicar e teria mais interesse em se ligar ao Paquistão do que à Índia. Porém, esta quis que prevalecesse o direito do povo escolher a sua nacionalidade e fez valer a sua posição, invadindo militarmente o reino, tendo forçado o *nizam* a ceder, mediante a concessão de uma lista civil de 15 mil contos.

A Caxemira era outro destes reinos. Situado na confluência das fronteiras do Afeganistão, Paquistão, Índia, China e separado da Rússia por uma estreita faixa de território afegane quase inabitado, está portanto colocado numa posição estratégica. Trata-se de uma região riquíssima, um vale de paisagens de uma beleza rara, cercado por montanhas cobertas de neve. As comunicações com a Índia, por terra, só podem ser feitas por uma estrada de montanha, de acesso perigoso e difícil, mas para o Paquistão existe uma estrada razoável, encerrada por consequência do conflito. Enquanto a Índia e o Paquistão Ocidental sofrem aflitivamente com as secas, o vale de Srinagar é abundante de águas, que jorram por toda a parte, irrigando arrozais e diversas culturas. A terra produz até uvas saborosas. Há muitas árvores de fruta e bosques de madeiras preciosas. Flores e pássaros dão a esta paisagem efeitos maravilhosos. Os seus gados produzem também uma famosa lã. O povo de Caxemira é de índole pacífica, alto, alegre, comunicativo e de tez clara.

Exactamente ao contrário do que sucedia em Haiderabade, o povo de Caxemira é 80% muçulmano, mas o marajá, *sir* Hari Singer, era hindu. A Caxemira foi unificada no século XIX por uma dinastia hindu, os Drogas, marajás de Jammu, reino de uma região tórrida e insalubre.

Para resolver o dilema da integração, o marajá de Srinagar pediu o auxílio da Índia e esta invadiu militarmente o reino e impôs a sua soberania, contra a vontade do povo. Aqui nasceu o conflito, que tem perdurado até aos dias de hoje.

Da forma como foi feita a partilha do grande continente, resultou que o Paquistão ficou constituído por duas regiões distintas, separadas por quase 2.000 km. de território indiano, sem possibilidades de ligação por terra em face das regiões montanhosas. Designam-se estes territórios por Paquistão Ocidental e Oriental. As duas zonas têm línguas e povos diferentes, bem como diversas condições económicas e geográficas.

A par de outras minorias religiosas, como 3 milhões de budistas e 10 milhões de cristãos, ficaram existindo entre os hindus minorias muçulmanas importantes, e entre os muçulmanos iguais minorias hindus.

Assim que a Inglaterra fez a transmissão de poderes, estas duas minorias procuraram transferir-se para o país que ètnicamente lhes era afeiçoado. Deu-se assim um enorme êxodo, praticado nas piores condições através de uma região difícil e tórrida. Ao mesmo tempo, a questão da Caxemira estava sem solução e a intervenção armada da Índia provocou uma autêntica guerra religiosa com o Paquistão e originou, por toda a parte, as mais cruentas perseguições religiosas. Com um fanatismo furioso, os emigrantes foram chacinados cruelmente, os carros de bois e comboios que os transportavam assaltados e incendiados, enquanto os passageiros eram mortos a punhal ou decapitados à faca. Calcula-se que tenha morrido nesta chacina meio milhão de pessoas. Cem mil raparigas foram raptadas e nunca mais houve notícia delas.

Em fins de 1948, a Grã-Bretanha conseguiu o cessar-fogo, embora o êxito tivesse sido atribuído à O. N. U. Os dois país-

ses são membros da Comunidade Britânica. Em 5 de Janeiro de 1949, a O. N. U. decidiu que a questão da integração de Caxemira num ou noutro estado seria resolvida *pelo processo democrático de um plesbicito livre e imparcial.* As duas nações aceitaram a resolução, mas ficaram ocupando militarmente as posições que tinham alcançado, o que significava a divisão da Caxemira em duas zonas, cabendo à União Indiana a mais importante, tendo como capital Srinagar.

O plesbicito prometido nunca mais se fez. Em Agosto de 1953, um golpe de Estado naquela capital instalou um governo partidário da União Indiana, que decretou a sua ligação a esta como estado autónomo.

O Paquistão levou o problema às Nações Unidas, por mais de uma vez, mas o veto soviético paralisou as deliberações daquele organismo internacional, enquanto a Grã-Bretanha e os Estados Unidos evitavam tomar partido na questão para não desagradar à Índia.

A tese paquistanesa estava afinal de harmonia com o que tinha sido feito noutros estados, em que a vontade das populações tinha determinado a ligação à União Indiana ou ao Paquistão. A própria União Indiana, ao reclamar os territórios secularmente portugueses de Goa, Damão e Dio, pretendeu que fosse feito um plesbicito, exigência que Portugal nunca aceitou por não admitir discussão sobre a legitimidade da sua presença.

A Índia alega que a população da Caxemira, embora muçulmana, é de origem hindu e foi convertida à força. Diz também, que um plesbicito, que resultasse favorável aos muçulmanos, iria provocar furiosa indignação entre os povos hindus, de que seriam vítimas os 50 milhões de muçulmanos que vivem na Índia. Esta ameaça não é vã se nos lembrarmos dos horrores de 1948.

De resto, a Índia não vê mesmo com bons olhos a existência do Paquistão. O desejo da classe dominante é absorver todo o continente, embora tanto a Caxemira como outros reinos aspirem sobretudo à independência. Só assim se compreende que o marajá *sir* Hari Singh, que em 1948 foi favorável à Índia, tivesse acabado por ser preso; tendo sorte igual o «Leão da Caxemira», *cheik* Abdullah, que em 1953 consolidou a posição indiana.

O Paquistão orientou sempre a sua política a favor do Ocidente, tendo enfileirado no grupo de nações que formaram a SEATO (Organização do Tratado do Sudeste da Ásia) com objectivos semelhantes à NATO na Europa. A Índia enveredou pelo neutralismo, mas, talvez por medo, talvez por simpatia política, aproximou-se da União Soviética, sem deixar no entanto de aproveitar os valiosos e grandes auxílios de toda a espécie que os Estados Unidos lhe fizeram.

O Paquistão, no quadro da SEATO, tinha direito a auxílio militar e ecomómico, que lhe foi prestado pela América.

A situação da Caxemira tornou-se assim um factor permanente da desavença entre os dois países, e só não evoluiu militarmente em face das ameaças feitas pela Rússia, que se encontrava pràticamente nas fronteiras do Paquistão Ocidental e da Caxemira. Entretanto, o equilíbrio militar na Ásia foi alterado. Uma grande potência estava fazendo a sua aparição e afirmando a sua presença: — a China.

Em 1962, surgiu um conflito de fronteiras entre a Índia e China. A União Soviética não interferiu. A Índia sofreu nessa altura rude humilhação militar. A situação naquela zona tinha-se modificado. O Paquistão, desiludido do apoio ocidental às suas reivindicações, aproxima-se da China, apesar de fazer parte da SEATO.

Recentemente deu-se o inevitável. Patriotas da Caxemira, na versão pasquistanesa; sabotadores do Paquistão, na versão indiana, provocaram uma revolta naquele estado, causando explosões e assaltos, dominando mesmo determinadas localidades, numa revolução que parecia encaminhar-se para o êxito.

Em resposta a Índia invadiu o Paquistão Ocidental, na região de Lahore, importante cidade paquistanesa. As operações, que se alargaram a outras frentes e em que tomaram parte tanques e aviação, desenvolveram-se com violência, embora pareça que os indianos não foram felizes, porque as forças paquistanesas lhes fizeram frente corajosamente. E aqui está como um povo, que se orgulha das doutrinas de Gandi e se afirmava pacifista, uma vez mais lança mão da violência, enquanto a guerra é acolhida com entusiasmo pelas populações das principais cidades.

Mas da fronteira da China surgem vozes ameaçadoras e assiste-se a movimentos de tropas. A Índia treme e o mundo preocupa-se porque a paz mundial corre perigo, já que as maiores potências se podem ver envolvidas num conflito em zona tão perigosa.

A Índia, que tem hoje 430 milhões de habitantes e o Paquistão 90 milhões, têm problemas graves a resolver na sua economia. A guerra só iria agravar a penúria em que as suas populações ainda vivem. A O. N. U. (ajudada certamente por fortes pressões diplomáticas) conseguiu o cessar-fogo. Possa ela agora solucionar com justiça a questão da Caxemira, para que a paz não volte a estar em perigo.

Quanto custam
os «Pássaros da Morte»

Quanto custa um avião de combate, desses que são sinistros «pássaros da morte»? Um bombardeiro anda pelo equivalente ao salário de 250 000 operários durante um ano, ou ao montante necessário para a instituição de trinta Faculdades de Ciências para mil estudantes cada uma, ou ao custo de setenta e cinco hospitais, de cem camas cada, completamente equipados. A verba que se gasta para construir um avião de combate supersónico chegaria para se edificarem 600 000 apartamentos.

Do «Diário de Lisboa»

NOVO ASSINANTE

De Lourenço Marques chega-nos um novo assinante. É o lobito Joaquim Santos Baptista Navarro, de 10 anos de idade. O novo assinante é cunhado do antigo escoteiro do Grupo 53, sr. José Reinaldo Soares Pinto.

Damos as boas vindas ao Joaquim e esperamos que ele seja o primeiro de um novo grupo de assinantes naquela próspera cidade.

ASSINANTES PATROCINADORES

O sr. Tenente Manuel Canhão Fernandes, leitor dedicado e amigo de «Sempre Pronto» desde o primeiro número e antigo dirigente dos grupos algarvios n.os 59 (Tavira) e 65 (Lagos), e que durante treze anos foi activo impulsionador do Escotismo no Algarve, escreve-nos de Coimbra, onde agora reside, a saudar o Corpo Directivo do «S. P.», que tem a bondade de classificar como grande paladino do Escotismo na nossa Terra. *Este nosso bom amigo deseja ser inscrito como patrocinador do nosso jornal, o que fazemos com todo o prazer e sinceramente agradecemos.*

Os assinantes patrocinadores do nosso jornal são aqueles nossos amigos que espontâneamente desejam que a sua assinatura anual seja de um mínimo de Esc. 30$00. Felizmente que o número de patrocinadores tem aumentado constantemente, o que constitui garantia da sobrevivência de «Sempre Pronto».

SEMPRE PRONTO é uma obra de ternura e dedicação de um punhado de verdadeiros escoteiros.

BELO REDONDO



Sempre Pronto surgiu de uma necessidade. Era necessário um jornal escotista que desse a conhecer a actividade das diversas unidades associativas, as aproximasse e (...) servisse de porta-voz das nossas aspirações. (...)

De todos os pontos do país chegaram até nós protestos de camaradagem e ofertas de colaboração, que temos aceitado, e do esforço comum tem prosperado o *Sempre Pronto*.

As honras não nos cabem a nós, mas a esse bom grupo de colaboradores que, de norte a sul do País, das Ilhas, e até do Ultramar, se estão esforçando por divulgar o jornal.

Para servir o Movimento não nos pouparemos a esforços e não recuaremos sempre que em nossa consciência verificarmos que estamos no bom caminho (...)

FALECEU O PROFESSOR CARLOS SANTOS

VERDADEIRO MÁRTIR DA CIÊNCIA

A morte do Prof. Carlos Santos, ocorrida no dia 27 de Setembro último, veio privar a medicina portuguesa de um dos seus mais ilustres e briosos profissionais.

Efectivamente, este grande médico português realizou estudos que suscitaram interesse em todo o mundo da medicina, na especialidade a que se deu de alma e coração: a radiologia, em que, seguindo as pisadas de seu pai, o dr. Carlos Leopoldo dos Santos, introduziu novas técnicas e inovações, não só nesse ramo da medicina, mas também no campo da cirurgia.

Suscitou enorme interesse dos meios científicos estrangeiros, designadamente dos Estados Unidos da América, o seu método de extracção de fragmentos de agulhas, ou outros elementos estranhos, do corpo humano.

Nas suas investigações, levadas a efeito não só em Portugal, mas também em centros estrangeiros, resultaram muitos processos de tratamento da sua autoria, que passaram a ser utilizados proveitosamente em toda a parte.

Além disso, o Prof. Carlos Santos fez várias invenções, não só em Radiologia, mas também em Electrologia, que foram patenteadas internacionalmente.

Verdadeiro mártir da ciência, este grande português, honra da nossa medicina, sabia bem as consequências que, para a sua saúde, adviriam dos trabalhos com os raios X.

Tal como seu pai, a sua actividade nesta perigosa especialização fê-lo perder vários dedos das mãos, que tiveram de ser amputados. São palavras textuais deste grande homem as que a seguir transcrevemos e que provam, não só a sua têmpera, mas também o seu grande coração. Dizia o eminente professor: «*Cumpri o meu dever. Quatro mil e quinhentos casos de traumatismos, pelo menos, foram recuperados. Que importa a perda de alguns dedos? Que importa a perda das minhas mãos?*»

O Professor Carlos Santos merece que os escoteiros de Portugal honrem a sua memória, meditando no sublime exemplo de humilde heroísmo que nos foi deixado por esta invulgar personalidade.

A medicina em progresso

Medicamento eficaz contra a dor

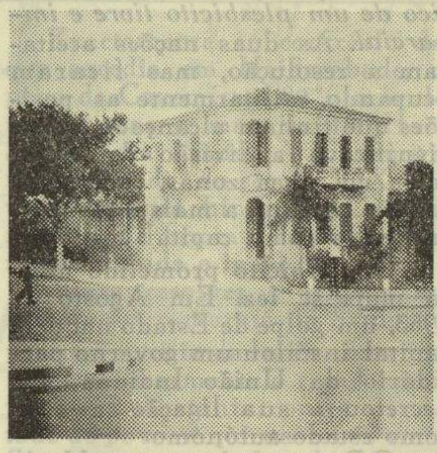
Mais de 100 médicos alemães reuniram-se, recentemente, na «Kongresshalle» de Berlim, a fim de discutir com os Professores Jacob e Rosenbaum, da Universidade de Oregon, Portland, os resultados registados com o medicamento DMSO. Este medicamento, cujo nome integral é Dimetilsulfóxido, conquistou, em pouco tempo, fama de droga milagrosa contra a dor, cuja aplicação se recomenda em casos de queimaduras, crestaduras de frio, contusões, inchaço e torceduras, bem como em casos de lumbago e doenças articulares, que é de efeito instantâneo, acelerando também a cura.

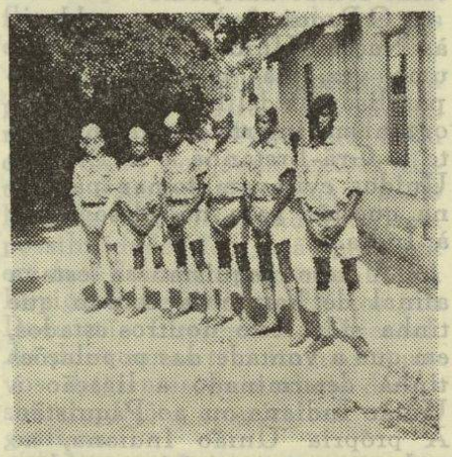
A aplicação do DMSO, como medicamento, deve-se ao acaso. O professor Jacob, que havia empregado a substância com efeito surpreendente no tratamento de queimaduras em cobaias, havia-se queimado no laboratório com um produto químico. Ao tratar em seguida suas mãos com o DMSO, haviam desaparecido as dores e o processo de cura foi espectacular. Seguiram-se depois tratamentos de contusões e torceduras em empregados do laboratório; em seguida o reumatólogo Rosenbaum começou a fazer tratamentos em casos de artrite e demais doenças articulares com o novo DMSO, de penetração rápida através da epiderme e tecido celular.

Experiências nas vias sanguíneas

O Professor K. E. Loose, Director do Hospital de Itzehoe, em Schleswig-Holstein, dedicou-se às doenças dos vasos sanguíneos e ao constante aumento de pessoas atacadas desse mal. De acordo com a opinião desse médico, muitas pessoas poderiam ser salvas, caso sua doença fosse reconhecida e tratada ainda em tempo. O médico de hoje possui uma série de possibilidades no campo diagnóstico e terapêutico. Principalmente com a ajuda de uma flebografia em série, em que se injecta uma substância contrastante nos vasos sanguíneos para fins de raios-X, poder-se-á controlar a reacção das artérias com uma série de radiografias consecutivas para descobrir eventuais bloqueios no sistema circulatório. Grande parte desses bloqueios devem-se à excessiva propensão a câibras na musculatura dos vasos. Tais desarranjos poderiam ser eliminados com medicamentos ou pela intercepção de nervos. Em outros casos seria necessário desviar o fluxo da via obstruída por uma passagem secundária, a fim de garantir o abastecimento às camadas periféricas do organismo.

O ESCOTISMO EM LUANDA







A nova sede do Grupo n.º 36, Luanda, e as patrulhas «Leão» e «Pantera» desse mesmo Grupo

A MORTE DO JORNALISTA PAULO OSÓRIO

Faleceu do dia 4 deste mês de Outubro, em Paris, onde se encontrava radicado há largos anos, o brilhante jornalista Paulo Osório.

Ainda aluno de liceu, fundou um periódico, o *Alvorada*, que teve curta existência. Passou a colaborar então noutros jornais: *Folha da Noite*, *A Província* e *O Norte*.

Em 1911, instalou-se em Paris, tornando-se correspondente, nessa cidade, do *Diário de Notícias*, publicou reportagens várias, tendo ficado célebre a que fez da Haia, sobre o caso do «Angola e Metrópole».

Para nós, escoteiros, o nome de Paulo Osório deve merecer um sentimento de gratidão, dada a simpatia com que este homem da Imprensa distinguiu o nosso movimento, pois foi ele um dos obreiros da célebre campanha que, em 1912, foi promovida por *O Século*, jornal de que, na altura, Paulo Osório era colaborador, e que tanto contribuiu para o conhecimento e difusão da doutrina escotista no nosso país, o que viria a permitir a rápida expansão do Escotismo em Portugal.

Paulo Osório, que nascera, no Porto, em 1883, era actualmente adido de Imprensa à Embaixada de Portugal na capital francesa.

DAQUI ALGARVE

Com a realização, em Tavira, a 7 e 8 de Agosto, do IV Acampamento de Formação do Núcleo de Sotavento do Algarve, ficou concluída a série experimental prevista para o ano em curso, tendo sido também recebidos os relatórios e as redacções sobre os temas prèviamente indicados. Não apresentam, estas, matéria transcendente, a deixar ver excepcional empenho ou preparação, mas já se nota em algumas um esforço de forma e de ideia que de certo modo constitui promessa para o futuro e pequena compensação para o presente.

Terminamos hoje a publicação das redacções, as quatro primeiras (n.os 9 a 12), versando a 1.ª classe e as restantes sobre o Escotismo como método educativo. No próximo número indicaremos os nomes dos vencedores do concurso de redacções e do de relatórios.

9

Escoteiro de Portugal, certamente que a tua farda ostenta já honrosamente a insígnia da 2.ª classe. Isso garante-nos que, ao acabares a 3.ª classe, não suspendeste a tua actividade e logo conseguiste tirar a 2.ª. Agora, podes ir mais além, obtendo as insígnias de especialidade e logo a seguir a primeira classe, o que não deve ser muito difícil, pois se tantos outros escoteiros a tiraram, tu também a tirarás, bastando para isso um pouco de persistência e boa vontade. Não pode ser hoje, nem amanhã, mas poderá ser daqui a alguns meses. E quando depois no teu braço brilhar honrosamente a insígnia da 1.ª classe, todos os que olharem para ti saberão estar na frente de um escoteiro mais sempre pronto, mais apto a servir em qualquer emergência e em quaisquer circunstâncias.

Depois de alcançar a 1.ª classe, o escoteiro deve lembrar-se do que se esforçou para conseguir-la e orgulhar-se de no dia de amanhã Portugal contar com mais um homem digno e capaz. Na 1.ª classe o escoteiro aprende muitas coisas que viriam a fazer-lhe falta. Para a possuir, tem que conhecer como se faz a respiração artificial, tem que saber cozinhar, nadar, regras de higiene, vários métodos de orientação, mais nós e formas de auxiliar sinistrados, os cuidados a ter com a saúde, etc. E que não deve ter vícios, pois já sabe os prejuízos que trazem, entre outros, os do tabaco, do álcool e do jogo.

10

A 1.ª classe é mais uma etapa que ainda não atingi, mas que todo o escoteiro se deve esforçar por atingir.

A meu ver, com a primeira classe um escoteiro pode considerar-se mais seguro de si, pois está mais «sempre pronto» para o que der e vier. No entanto, são poucos os escoteiros possuidores da 1.ª classe, não porque ela seja muito difícil, mas talvez porque não se dedicam o bastante. Vamos, pois, camaradas escoteiros, empreender essa escalada que nos levará até à 1.ª classe, para que assim possamos gritar mais alto: «Sempre Pronto»!

Seg. na pág. 9

ALBERTO SCHWEITZER

Conclusão da pág. 16

para casa sem dizer uma palavra, deixando o companheiro atónito.

A vida dos animais e o seu sofrimento tinham para ele tal interesse, que não podia compreender porque não eram lembrados nas orações. Ao deitar, dizia junto da sua mãe as orações da noite, mas quando esta apagava a luz e se retirava, ele continuava a prece e acrescentava: *Ó Pai do Céu, protege e abençoa todas as coisas que respiram. Guarda-as de todo o mal e faz que durmam em paz.*

Aos cinco anos de idade, já recebia de seu pai as primeiras lições de música, utilizando para isso um velho piano de seu avô Schillinger. O pastor tinha poucos conhecimentos de técnica, mas o rapaz revelou-se logo um vocacionado e a música surgia-lhe espontânea. Na escola, ficava admirado ao ver a sua professora tocar os hinos só com uma mão, quando seria mais agradável tocar com as duas, aproveitando todas as harmonias. Um dia confessou isto mesmo à professora. Esta olhou-o surpreendida e perguntou:

— Mas és capaz de tocar com a harmonia?

Alberto saltou para o órgão e fez uma demonstração cheia de melodia vibrante, destacando os sons graves, mas depressa se arrependeu, sentindo-se envergonhado perante o olhar de admiração da professora e dos elogios que esta lhe teceu. Esta, confundida, pensou: *Nunca se sabe aquilo de que uma criança é capaz.*

Mais tarde foi o organista barbudo, o velho Iltis, quem prosseguiu as lições de órgão e aos oito anos já Alberto tocava, embora seus pés dificilmente alcançassem os pedais. Tinha nove anos quando, pela primeira vez, lhe permitiram substituir o organista num culto religioso. Mal podiam supor os fiéis que o pequeno organista estreante, viria a ser o mais extraordinário intérprete de Bach.

(Continua no próximo número)

DOS AÇORES — ILHA TERCEIRA

CAMP TAHLEQUAH *(Acampamento Escotista Anual)*

No recinto escotista internacional, situado no lugar da Matela, realizou-se, de 14 a 24 do mês de Agosto, o quinto acampamento anual dos «Boy Scouts of América» da Estação Amerina da Base Aérea n.º 4, nas Lajes.

Como nos anos anteriores, acamparam em conjunto com os seus irmãos-escoteiros americanos, os rapazes do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, na companhia do E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, chefe da referida unidade escotista e delegado nos Açores da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal e do jornal «Sempre Pronto».



Peter Vieira, chefe de campo do acampamento escotista anual, realizado na Matela, na Ilha Terceira, oferece café aos demais dirigentes escotistas. Tomando café, vêem-se, de joelhos, a contar da esquerda, Ken Gooding, instrutor, Ron Mattison, instrutor, o chefe de campo, e Roberto Skinner, ajudante do chefe de campo. De pé, da esquerda para a direita, Clarence Whisman, chefe do Troop 1, *E. C. Moniz Silva, chefe do Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal, Steve Beck, chefe do* Troop 2, *e Victor Lehr, director do posto de socorros do acampamento*

Foi chefe de campo o dirigente americano, Peter E. Vieira, de ascendência terceirense, que teve a coadjuvá-lo seis ajudantes e instrutores. Acamparam ao todo cerca de 50 elementos.

O acampamento obteve real sucesso e todos diligenciaram entender-se mùtuamente, confraternizando francamente e procurando estabelecer amizades.

No domingo, dia de visitas ao acampamento, em que estiveram presentes cerca de 90 famílias americanas e algumas dezenas de portugueses, durante a festa do campo, que teve a comparticipação dos Escoteiros de Portugal, prestaram compromisso de honra três novos elementos do Grupo n.º 52: Virgílio Fernando Teixeira Pires Toste, Eduardo José Borba da Silva e Mário Agostinho Ferreira. Os dois primeiros são filhos de antigos escoteiros do 52.

Durante o período do acampamento, os Escoteiros de Portugal tiveram oportunidade de cooperar, nos fogos do conselho, passeios, corta-matos, jogos, etc., de modo que o «Camp Tahlequah» de 1965 foi na realidade um verdadeiro acampamento escotista internacional.

ACAMPAMENTOS DO «52»

Antes do acampamento anual e promovido pela Patrulha «Andorinha», realizou-se um acampamento do Grupo no seu lugar favorito, Monte Brasil.

Finalmente, de 18 a 20 de Setembro, realizou o «52» mais um acampamento,

Segue na pág. 12

ANTIGOS ESCOTEIROS

O Acampamento dos Antigos Escoteiros

CONSTITUIU UM ASSINALÁVEL ÊXITO

A Secção de Campismo da Fraternal, recentemente criada, teve já oportunidade de prestar um apreciável serviço ao promover a realização do «5.º Acampamento dos Antigos Escoteiros», que decorreu, com a maior animação, nos dias 21 e 22 do passado mês de Agosto, nos terrenos do Campo-Escola da AEP na Costa da Caparica.

Esta actividade, que teve um número de inscrições recorde em relação aos acampamentos anteriores, com a simpática particularidade de que estiveram acampados a quase totalidade dos participantes, numa manifestação de vitalidade e de fervor escotistas que nos apraz registar, foi o primeiro êxito dos muitos que auguramos para a jovem secção.

Houve que lutar àrduamente com a aspereza do terreno designado à Fraternal, mas a Secção de Campismo contou com o espírito de acção dos seus elementos e com a boa vontade de alguns antigos, que se dispuseram a trabalhar durante algumas semanas para transformar um local inóspito num «campo» acolhedor e agradável.

No sábado 21, às 18 horas, o Presidente da Direcção da Fraternal inaugurou o Acampamento, içando no mastro erguido no «campo» o galhardete da secção.

À noite, nas instalações do Museu do Campo, houve projecção de diapositivos de algumas actividades escoteiras cedidos pelo companheiro eng.º Nobre Santos e um filme realizado pelo companheiro Amílcar Fernandes quando da excursão a Santarém promovida pelo nosso jornal. A reunião terminou com um simulacro de «Fogo do Conselho», dirigido pelo companheiro Armando Inácio.

No domingo, pela manhã, os companheiros presentes efectuaram uma reunião, durante a qual trocaram impressões sobre a forma como deveria decorrer a actividade da Secção de Campismo, tendo igualmente analisado alguns aspectos da vida da Fraternal, sendo unânime o reconhecimento da utilidade desta troca de impressões, com algumas intervenções de apreciável interesse.

No início desta reunião, o companheiro Mariano Garcia leu uma mensagem do Chefe Nobre Santos, Presidente da Comissão Organizadora do Acampamento, que ainda não estava presente, da qual destacamos as seguintes palavras:

A Fraternal — e os seus componentes — não é mais do que um ramo ou secção da A. E. P. a que todos nós pertencemos, e uma parte do Movimento que todos nós praticamos e devemos servir. Há os Lobitos, os Escoteiros, os Caminheiros, os Dirigentes e, por último, os «Antigos», agrupados na Fraternal.

Essa Fraternal deve ter por missão:

— Fomentar entre os seus componentes a continuação da prática dos ideais escotistas (os «Antigos» continuam a ser Escoteiros).

— Procurar apoiar o Movimento activo, por todos os meios, pois ele é aquilo que interessa, visto que é por ele que existimos nós e a própria organização e porque só pelos serviços que se prestam à juventude de hoje se justifica a existência dos adultos como dirigentes.

É por esta razão que eu e muitos outros que ingressaram há anos na Fraternal nos vimos hoje envolvidos nas lides associativas, como actuais dirigentes.

E que melhor recompensa pode sentir um «Antigo» do que poder ser útil ao Escotismo, se as possibilidades o permitem?

E, a propósito das inúmeras tarefas que aguardam executores e impulsionadores, não deixarei de referir que, para além das actividades saudosistas dos tempos antigos e das que servem para estreitar os laços de companheirismo entre os membros da Fraternal, há que pensar muito a sério na organização de tudo o que possa servir o Movimento, pois que é para o rapaz que devemos olhar com toda a nossa atenção, uma vez que ele é a esperança do amanhã.

Precisamos expandir o Escotismo. Para isso, precisamos de Chefes e Dirigentes; precisamos fazer com que o Escotismo seja mais conhecido em meios fora daqueles em que o é actualmente.

Isso exige que incrementemos as nossas relações públicas, fazendo uma maior propaganda, bem orientada e convincente.

Procurai, pois, servir a Fraternal, servindo o Escotismo através de todas as modalidades e oportunidades que se vos ofereçam.

Deste modo sereis sempre «Antigos» e «Actuais».

À tarde houve alegria com a disputa de uma animada gincana, onde foram postas à prova a rapidez de alguns «reumáticos» e a flexibilidade de algumas rotundas barrigas.

Antes de terminar esta excelente jornada de companheirismo, que marcou mais um passo para a união dos antigos escoteiros, os dirigentes da Secção de Campismo manifestaram o desejo de promover outro acampamento ainda no corrente ano, a fim de dar à Secção uma actividade continuada e profícua.

Fazemos votos de que assim suceda, para que cada vez se reúnam mais boas vontades à volta dos dirigentes da Fraternal, alargando o seu espírito de camaradagem ao maior número possível de companheiros.

Secção de Campismo

Procurando agrupar todos aqueles companheiros que ainda cultivam a prática do campismo, foi criada a Secção de campismo sob a orientação dos companheiros Luís António dos Santos e Eduardo Augusto Xavier.

Compreendendo a amável deferência da A. E. P., ao reservar um talhão nos terrenos do Campo-Escola da Caparica para as actividades dos antigos escoteiros, alguns elementos desta secção propõem-se criar uma equipa de trabalho para colaborar com o Director do Campo-Escola na realização de algumas tarefas de limpeza e beneficiação daquele Campo.

Os companheiros que desejarem fazer parte da referida equipa, deverão participá-lo à Secção de Campismo.

Secção Recreativa e Turística

No intuito de dar continuidade e maior incremento às iniciativas de ordem recreativa que a Fraternal sempre tem procurado realizar, foi especialmente criada para este efeito uma Secção, que ficou constituída pelos companheiros Júlio Almeida Nogueira, Eugénio Ribeiro Nunes e Alfredo Jorge Gallis.

Secção Cultural

No desejo de aumentar o número das nossas actividades de carácter cultural, bem como a conveniente organização e orientação de uma biblioteca, está a Direcção ultimando a criação da Secção Cultural, órgão indispensável para um bom trabalho associativo.

Tertúlia

Uma das mais antigas manifestações da nossa Fraternal, expressão clara do

Segue na pág. 7

FILATELIA

«ASSINDIA 1965»

Exposição Internacional de Filatelia

Essen, o centro industrial junto ao Rur, encontrou-se nos últimos dias sob o signo da filatelia, ou seja sob o signo de meio milhão de selos postais do mundo inteiro. Os correios federais, a Associação Alemã de Filatelia e os amadores de Filatelia da República Federal da Alemanha haviam convidado à «Assíndia 1965», uma exposição de selos postais da Europa Ocidental ligada com o Congresso Alemão de Filatelia.

'A exposição foi dado o antigo nome da cidade, tal como ela era conhecida nos tempos da sua fundação há 1.100 anos atrás e que hoje conta com 830.000 habitantes. Milhares de filatelistas vieram a Essen do mundo inteiro, para apreciar o rico tesouro de 20 países europeus, de entre eles também o de Portugal. Se bem que o selo mais caro do mundo, o «British Guyana n.º 1», não estava presente, havia sido exposto o selo mais caro da Alemanha, o «Bayern n.º 1», com um valor de 100.000 marcos, que se encontra sobre um sobrescrito do ano de 1850.

Leilão e troca

Em doze exibições extra, puderam ser apreciados os seguintes selos: estampilhas postais de todo o mundo, colecções raras da Europa e das antigas colónias alemãs, colecções sobre temas diferentes (num total de 42), como trajes e costumes, medicina, filatelia, jogos olímpicos, teatro, portadores do prémio Nobel, animais e plantas, belas artes, instrumentos musicais, etc., colecções especiais que se compunham de cartas, de camiões, aviões e navios sinistrados; outras, que se haviam dedicado à guerra postal, entre Este e Oeste, como também às estampilhas emitidas antes e depois da divisão da Alemanha.

De entre as numerosas colecções dos filatelistas, viam-se também modelos de correios automáticos do Departamento dos Correios da Alemanha Federal, da Lufthansa e da British European Airways. Durante a «Assíndia 1965» houve dias de leilão e de troca.

No dia 28 de Agosto, dia inaugural, viam-se filas de pessoas interessadas na aquisição do selo especial emitido em comemoração do 125.º aniversário de filatelia, que levou três carimbos diferentes: um, em comemoração do dia, o segundo, para a 2.ª Exposição de Filatelia da Europa Ocidental e o terceiro, para o Congresso Alemão de Filatelia.

— * —

Bolsa Filatélica

Dedicaremos à Alemanha a Bolsa Filatélica dos próximos dois meses. Os Escoteiros ou jovens leitores, que desejem efectuar trocas de selos usadas da Alemanha, deverão fazer-nos os seus pedidos e enviar-nos os selos usados

Segue na pág. 10

Protecção à Juventude

AS NOVAS MEDIDAS TOMADAS EM HAMBURGO

As cidades portuárias exercem, desde tempos de antanho, uma forte atracção sobre jovens e adolescentes. Hamburgo é uma prova de que esta atracção continua imanente. Raparigas e rapazes, menores e adolescentes, tanto da Alemanha Federal como do exterior, chegam diàriamente àquela cidade à procura da felicidade. Como mão de obra eles são mui bem recebidos. Porém, como aventureiros, eles colocam o público diante de graves problemas. Estes adolescentes estão demasiadamente expostos às influências nocivas duma cidade tão grande e vital como essa; do outro lado, de entre um meio tão altamente industrializado e burocrático como a nossa sociedade actual, eles dificilmente encontram os contactos pessoais ou, então, onde a família já não está em condições de lhes proporcionar o aconchego de outrora. Na base de decretos apropriados, a população é constantemente exortada a assumir uma atitude protectora em relação à juventude.

«Brigadas de protecção à juventude»

Com a finalidade de proporcionar à juventude uma protecção prática e eficiente, tornou-se exemplar a cooperação entre as autoridades de Hamburgo: os órgãos de assistência aos menores, polícia, autoridades do trabalho e da assistência social, órgãos escolásticos e da saúde pública, como aqueles da economia e do tráfego. Em 1963, eles passaram a formar as «brigadas de protecção à juventude», cuja actividade coroou de bastante êxito a primeira instituição dessa natureza na República Federal da Alemanha. O policiamento compõe-se de brigadas de quatro funcionários masculinos e de uma funcionária feminina em trajes civis e, em casos de contrôle em localidades, de um funcionário do sector económimo ou da assistência aos menores. Sua função é a de proteger menores e adolescentes dos perigos do mundo dos adultos. Este grupo de pessoas vigia dia e noite os estabelecimentos de atracção e diversões, como também os arredores do porto e, em espaços de tempo menos regulares, também os demais bairros da cidade. A polícia de menores ocupa-se dos jovens encontrados em restaurantes ou parques públicos. A sua decisão sobre os jovens difere conforme o caso: os jovens são enviados de volta à casa paterna ou entregues ao juiz de menores. Especial atenção é dada aos jovens abaixo de 21 anos de idade, a fim de evitar que eles exerçam profissões perigosas à moral como, por exemplo, dançarinas de *boites* ou damas de bares.

As brigadas em protecção à juventude recolheram durante as suas 2 500 vigias do ano de 1964 mais de mil menores e jovens em restaurantes, casas de jogos e outros locais prejudicais à juventude. Mais de dois terços desses jovens eram raparigas. Não raras vezes esses adolescente, fugiram de casa ou dos institutos correccionais, na esperança de submergir no bairro de diversões de Hamburgo. Os jovens estrangeiros, para os quais as leis alemãs são igualmente aplicáveis, são tratados da mesma forma.

Bons resultados

Durante os dois anos da sua existência, ficou comprovado o valor dos trabalhos das brigadas de protecção à juventude. Não sòmente os menores e adolescentes sabem que o aparecimento repentino lhes pode trazer aborrecimentos, como também os proprietários de restaurantes, locais de diversão e salas de jogos estão prevenidos, pois, caso eles colidam com as determinações das leis juvenis, precisam de contar com a denúncia ou, pelo menos, com multas. Resultado: são raros os casos em que menores e jovens são encontrados ainda nas salas públicas de jogos, de Hamburgo. Durante 1964, a delinquência juvenil havia alcançado 15,5 %, para menores abaixo de 14 anos de idade, e 4,5 % para adolescentes entre 14 a 18 anos de idade. Este resultado é julgado satisfatòriamente em relação aos períodos anteriores, em todo o caso, os cuidados e a atenção precisam continuar sem qualquer alteração.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Seguimento da pág. 6

companheirismo que nos une, está quase esquecida da maioria dos nossos companheiros. Lembramos por isso que a Tertúlia continua a reunir, ao jantar dos dias 23, no Restaurante Napolitano, na Rua de S. Paulo.

Reuniões de convívio

Sem prejuízo das reuniões da Tertúlia, a Direcção vai promover reuniões de convívio na Sede, nas quais serão evocados alguns episódios da vida escotista, que constituirão, por certo, momentos de feliz recordação dos maravilhosos tempos da juventude.

Aspectos da Providência

Uma tarde o jovem Blaise Pascal, que mais tarde se tornou um célebre matemático e filósofo, disse a seu pai ao voltar dum passeio:

— Meu pai, Deus protegeu-me hoje maravilhosamente. O meu cavalo escorregou, caiu, eu caí com ele, e não sofri nada.

— Meu filho — disse o pai. — Deus protegeu-me ainda mais maravilhosamente. Dei um passeio de vinte quilómetros, fui e vim sem o meu cavalo cair e sem qualquer novidade.

Aqui temos dois aspectos da providência de Deus. O filho sublinhava o testemunho da providência visível de Deus; o pai salientava o testemunho invisível. Um via só o salvamento no momento do dia: o outro via a protecção divina a cada hora e a cada instante.

De «A Espada do Senhor»



Escotismo através do Mundo

Nova Associação Escotista

A Repartição Mundial de Escotismo acaba de informar de que a Conferência Internacional de Escotismo concedeu o registo de uma nova associação. Trata-se da Associação dos Escoteiros de Zâmbia (Zambia Boy Scouts Association).

EXEMPLOS ESCOTEIROS

TODOS DEVEMOS

ajudar os mais pobres

Todos devemos ajudar os mais pobres e por isso mesmo se fundaram as cozinhas económicas de Lisboa, sendo a primeira inaugurada em 9 de Dezembro de 1893, na Travessa do Forno, aos Prazeres. Todas as obras de fundação foram executadas pelo bolso de uma grande senhora, a Duquesa de Palmela, D. Maria Luísa de Sousa Holstein Beck. Tudo se deve à sua imaginação e direcção, pois não só assegurou, também à sua custa, os três primeiros meses de funcionamento da instituição como constituiu ainda a Sociedade Protectora das Cozinhas Económicas, destinada a angariar donativos e promover a criação de outras cozinhas em bairros onde tal se tornasse necessário. A finalidade era fornecer aos pobres alimentação sadia por preços acessíveis, e o plano dos serviços fixados por aquela benemérita é mais ou menos o que ainda hoje vigora, acompanhando naturalmente a evolução dos ordenados e dos preços da matéria-prima. A refeição do primeiro dia da cozinha económica constava de uma tigela de sopa de grão com arroz, bacalhau guisado com arroz, 250 gramas de pão e dois decilitros de vinho, tudo por noventa réis.

A própria Duquesa de Palmela vinha ensinar, ao princípio, a fazer esta refeição, satisfatória e saudável. A Cozinha Económica dos Prazeres começou, desde logo, a fornecer 400 jantares diários. Vieram auxílios do Governo e do Município. Com a Duquesa na presidência, a Marquesa do Rio Maior e D. Júlia de Brito e Cunha, respectivamente nos cargos de vice-presidente e tesoureira; a Sociedade deu largo desenvolvimento à iniciativa. Em 21-11-1894 foi inaugurada a segunda cozinha, nos Anjos; em 15-4-1895, a terceira, em Alcântara; em 20-2-1896, a quarta, em Xabregas, esta solicitada numa mensagem assinada por 800 operários; em 16-7-1897, a quinta, no Terreiro do Trigo, para a qual o rei D. Carlos oferecia os gamos e veados que matava nas suas caçadas; e em 11-9-1906, a sexta, na Rua de S. Bento. Em 25-5-1911, a reforma da Assistência Pública passou as cozinhas para a posse do Estado. Aqui fica, pois, para conhecimento dos escoteiros, a razão de tal existência.

EUGÉNIO RIBEIRO NUNES

CRUZADA A FAVOR DA PAZ

O Papa Paulo IV na ONU

É preciso que a paz tenha defensores mais acérrimos ainda do que aqueles que trabalham pela guerra.

Do editorial de «S. P.» de Agosto passado

No nosso editorial de Agosto último, afirmámos que o Escotismo estava em condições vantajosas para fazer apelo a uma mobilização das forças espirituais para uma acção intensiva a favor da paz. Que as nossas palavras correspondem a um intenso sentimento de todos aqueles que têm preocupações éticas e espirituais não pode restar a menor dúvida. A generosa atitude de Paulo VI ao deslocar-se à O. N. U. e a forma como foi acolhido por todas as correntes políticas e religiosas, é prova evidente desse facto. A cruzada a favor da paz está portanto lançada. Embora as palavras de Paulo VI tenham sido suficientemente divulgadas, não resistimos ao desejo de arquivar aqui o seu principal apelo, para que nele possamos meditar:

«Nunca mais a guerra, nunca mais a guerra»

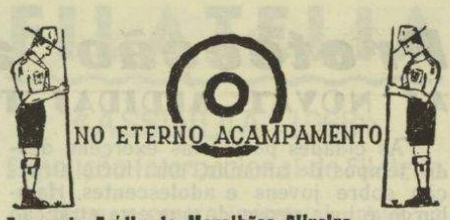
(...) «E, aqui, a nossa mensagem atinge o seu cume. Negativamente, em primeiro lugar: é a palavra que vós esperais de nós e que nós não podemos pronunciar sem estar conscientes da sua gravidade e da sua solenidade: jamais uns contra os outros, nunca, nunca mais. Não é, sobretudo, com esta finalidade que nasceu a Organização das Nações Unidas: contra a guerra e para a paz? Escutai as palavras lúcidas de um grande desaparecido, John Kennedy, que proclamava há quatro anos: «A Humanidade deverá pôr fim à guerra, ou é a guerra que porá fim à Humanidade». Não são necessários longos discursos para proclamar a finalidade suprema da vossa instituição. Basta recordar que o sangue de milhões de homens, que sofrimentos espantosos e inumeráveis, que inúteis massacres e aterradoras ruínas sancionam o pacto que vos une, num juramento que deve mudar a história futura do Mundo: nunca mais a guerra, nunca mais a guerra. É a paz, a paz, que deve guiar o destino dos povos e de toda a Humanidade.

Convite ao desarmamento

«A paz, vós o sabeis, não se constrói sòmente por meio da política e do equilíbrio das forças e dos interesses. Ela constrói-se com o espírito, as ideias, as obras da paz. Vós trabalhais nesta grande obra. Mas não estais ainda senão no começo das vossas penas. Chegará jamais o Mundo a mudar a mentalidade particularista e belicosa que, até agora, tem tecido uma tão grande parte da sua história? É difícil prevê-lo. Mas é difícil afirmar que é necessário meter-se resolutamente a caminho para a nova história, a história pacífica, aquela que será verdadeiramente e plenamente humana, aquela que Deus prometeu aos homens de boa vontade. Os caminhos estão traçados diante de vós: o primeiro é o desarmamento.

«Se vós quereis ser irmãos, deixai cair as armas das vossas mãos. Não se pode amar com armas ofensivas nas mãos. As armas, sobretudo as terríveis armas que a ciência moderna vos deu, antes mesmo de causarem vítimas e ruínas, engendram maus sonhos, alimentam maus sentimentos, criam pesadelos, desconfianças, sombrias resoluções. Exigem enormes despesas. Detêm os projectos de solidariedade e de útil trabalho. Falseiam a psicologia dos povos.

«Enquanto o homem permanecer o ser fraco, inconsciente, e mesmo mau que se mostra tantas vezes, as armas defensivas serão, infelizmente, necessárias. Mas vós, a vossa coragem e o vosso valor levam-vos a estudar os meios de garantir a segurança da vida internacional, sem recorrer às armas. Eis uma finalidade digna dos vossos esforços, eis o que os povos esperam de vós. Eis o que é preciso obter e, para isso, é necessário que aumente a confiança unânime nesta instituição, que aumente a sua autoridade — e, então, a finalidade — pode-se ter esperança — será atingida. Ganhareis, assim, o reconhecimento dos povos, aliviados de pesadas despesas de armamentos e libertos do pesadelo da guerra sempre iminente.»



Fernando Egídio de Magalhães Oliveira

Em 8 do corrente mês de Outubro, faleceu o sr. Fernando Egídio de Magalhães Oliveira, que contava a idade de 63 anos.

O extinto foi escoteiro nos primeiros tempos do Grupo n.º 1. Além disso, dedicou especial atenção à actividade desportiva, sendo membro dos corpos gerentes da Federação do Hóquei em Patins e do Clube de Futebol Benfica. Exerceu também actividade no hóquei em campo.

À família enlutada, apresentamos sentidas condolências.

Um aviso à mocidade

Seguimento da pág. 11

quando o industrial retribui o seu pessoal compreendendo em toda a sua amplitude a função do salário, temos então de reconhecer que o trabalho é pago com nobreza.

Estamos inteiramente de acordo em que se não deve fazer o confronto entre o nível de salários pagos entre nós e aqueles que se praticam em determinados países estrangeiros. Mas também é verdade que nem todas as diferenças verificadas devem ser atribuídas a consequência de índole económica, em face do próprio funcionamento da produção nacional.

Se não podemos confrontar os salários, poderíamos comparar as percentagens que nos resultados se apuram para retribuir capital e trabalho. E, nesta última, dividir ainda as percentagens que vão retribuir a administração superior e o pessoal executante. Não ousamos discutir com o sr. dr. Sebastião Gonçalves problemas em que ele é mestre e nós simples observadores, mas reconhecemos que este seria um estudo elucidativo.

Dedicámos o nosso artigo à mocidade porque principalmente tínhamos intenção de a prevenir acerca dos inconvenientes do jogo e da propaganda que do mesmo se faz. Certamente que os nossos considerandos serão mais úteis a todos aqueles que têm de educar ou dirigir profissionalmente a mocidade. E, nesse campo, os pertinentes comentários feitos no «Jornal do Comércio» terão prestado um serviço que nos cumpre reconhecer.

A pergunta — será que a Mocidade se prepara a si própria? — *parece-nos tão importante que não ousamos agora tentar a resposta. Mas é assunto já abordado nestas colunas, que cabe perfeitamente na índole deste jornal.*

E. R

DAQUI ALGARVE

Daqui Algarve, *ideia louvável de acampamentos de Formação de Escoteiros, tendentes à perfeição que é de esperar dos que praticam o Escotismo, tem merecido a nossa melhor atenção.*

O Sotavento dá assim sinal de vida e talvez pelas redacções que Sempre Pronto *vem publicando dos escoteiros que tomaram parte nos acampamentos, despertem os jovens de Barlavento, pois em tempos distantes contou grupos que se distinguiram.*

Lagos conta com o apoio de Dario Barroso para a formação de um grupo, mas o seu estado de saúde não é de molde a chefiá-lo como seria seu desejo. Está pronto a colaborar na medida das suas possibilidades, lembrando para chefiar o senhor Tenente Joaquim Afonso Pinto. Poderemos contar com a sua adesão, para que o Escotismo renasça no Barlavento algarvio?

Joaquim de Sousa Piscarreta

DAQUI ALGARVE

Seguimento da pág. 5

11

Após ter tirado a 2.ª classe, o escoteiro está mais apto a compreender o Escotismo e por consequência mais «sempre pronto».

Diz-nos o «Escotismo para Rapazes» que nenhum escoteiro deverá ficar na 2.ª classe mais tempo que o necessário e, por isso, logo que possa deverá tornar-se um escoteiro de 1.ª classe.

A conquista da 1.ª classe, dada a natureza das suas provas de certo modo difíceis, dará àqueles que a conseguirem maiores possibilidades de praticar na perfeição o grande jogo que é o Escotismo.

12

A 1.ª classe é um conjunto de provas muito bem organizado, que serve para nos fazermos homens capazes de enfrentar a vida no dia de amanhã. Na 1.ª classe temos provas mais aperfeiçoadas de transmissões, nós, etc., e eu gostava de alcançá-la, o que farei com o tempo, porque é indispensável a todo o escoteiro que se honra de o ser.

13

O Escotismo foi criado para instruir e educar os rapazes e fazer deles homens de bem. Foi fundado por Baden-Powell, oficial do exército inglês que, tendo regressado das colónias do seu país e vendo que os rapazes ingleses seguiam por maus caminhos, pensou em modificar-lhes a vida, aproveitando as experiências por que passara. E assim fundou o Escotismo e deu aos escoteiros o nome de «Boy Scouts», estudando para eles uma lei, cheia de bons ensinamentos, pela qual passaram a regular-se. Muitos rapazes que foram escoteiros têm hoje posição de relevo e foi graças ao Escotismo que a conseguiram. O Escotismo é um processo de educar moral e fisicamente os rapazes, pois sem se tornarem necessários esforços que excedam a sua capacidade e mercê de jogos sàbiamente estudados vai desenvolvendo neles aquelas faculdades que fazem dos homens que as possuem seres civilizados. Para se apreciar bem o valor do Escotismo como método de formação de homens, basta ver que na maioria dos países civilizados ele é adoptado oficialmente.

14

Conforme estava previsto no programa, este quarto e último acampamento está a realizar-se em Tavira e a redacção respectiva é sobre o Escotismo e a educação da juventude.

No meu entender, o Escotismo tem grande influência em todos os jovens que o compreendem. Quando Baden-Powell o fundou, não foi por acaso mas com um ideal de valorização do jovem. E os resultados foram positivos.

O Escotismo é por assim dizer uma escola na qual todos os escoteiros se unem, formando uma grande associação, cujo lema, «sempre pronto», significa a boa vontade que todos têm em seguir sempre para a frente e a boa vontade de todos os chefes em ensinaram aos mais novos o melhor caminho, cuidando-os quer física quer moralmente.

O meu desejo era que todos os jovens compreendessem este grande jogo que é o Escotismo e viessem colaborar connosco e tornar maior ainda esta já grande associação.

Quando um escoteiro mais velho abandona as actividades do seu Grupo por motivos de força maior, como já tenho tido oportunidade de ver, fá-lo com imensa pena, mas com a satisfação de ter tirado do Escotismo o devido aproveitamento.

Desculpem os meus chefes e camaradas se fui muito breve no que acabo de descrever, pois ainda sou um novato, mas tenho aspirações a um dia, que já não deve estar muito longe, poder usar com galhardia no braço esquerdo a insígnia da 1.ª classe e no direito várias insígnias de capacidade.

15

O Escotismo é um método educativo cuja prática se divide entre o campo e a sede. As leis do escoteiro são muito úteis e tornam quem as segue uma pessoa bem educada e atenciosa. Baden-Powell viu há anos que os rapazes ingleses levavam vida bem diferente daquela que podia torná-los homens sérios e trabalhadores e então pensou, e muito bem, em aproveitar a sua experiência para organizar o grande jogo que é o Escotismo. Em 1908 fez o primeiro acampamento da Ilha de Brownsea e anos mais tarde Portugal viu também surgir escoteiros, que se multiplicaram por muitas terras do nosso país.

O rapaz que conhecer e praticar o Escotismo, só tem a lucrar com isso, pois não se descobriu ainda melhor método para a preparação da juventude, que dele sai sempre mais forte, quer no moral, quer no físico.

16

Se o escoteiro não estivesse sempre alegre e bem disposto, como manda a sua lei, não poderia deixar de o estar compreendendo a força educativa que o escotismo representa. Ele aprende a rir, nos jogos, cria saúde e boa disposição permanentes, aprende a conhecer-se melhor e a conhecer melhor os outros, a distinguir o bom do mau e a ensinar o mau a ser melhor. O Escotismo é uma lição permanente e através dele, seguindo o muito que nele se aprenda da 3.ª à 1.ª classe, os rapazes tornam-se homens de bem.

N. R. — *Voltamos a pedir aos nossos estimados leitores para colaborarem com o Núcleo do Algarve, dando o seu parecer sobre os dois grupos (9 a 12 — 13 a 16) de composições apresentadas. Basta, num simples postal dirigido a «Sempre Pronto» ou ao Chefe do Núcleo do Algarve dos Escoteiros de Portugal — V. R. de Santo António, indicar o número dos trabalhos que, em seu parecer, merece ser classificado em 1.º lugar.*

Modéstia dum Sábio

Duval, bibliotecário do Imperador Francisco I, era conhecido pela sua modéstia. Um dia, um ignorante fez-lhe uma pergunta à qual respondeu:

— Não sei.

— Mas o senhor é pago para saber!

— O Imperador, respondeu Duval, paga-me para o que sei. Se me pagasse para o que não sei, todos os tesouros do Império não chegariam.

Helena Clerc

Mensagem lida no Acampamento dos Antigos Escoteiros pelo Presidente da Direcção da Fraternal

Meus caros companheiros:

Pela primeira vez na minha vida escotista, participo num acampamento da Fraternal. O que este trabalho significa para nós, os mais antigos, é bastante animador, porque de tantos que já passaram pelas nossas fileiras em datas tão distantes, nós somos os que profundamente ainda sentimos a saudade desses tempos e teimamos em transmiti-la aos novos.

Era assim que ocupávamos os nossos ócios, recreava-mo-nos e esforçávamos para dar sempre à nossa Pátria o tipo de cidadão que ela necessitava nos períodos áureos ou difíceis. Mas, infelizmente, a mocidade actual varrida por uma onda turbulenta, de hábitos e divertimentos desequilibrados que são o problema n.º 1 não sòmente no nosso país como em todo o mundo. Pouco pesará na balança educativa, o nosso esforço e persistência, é certo, mas duma coisa nos podemos orgulhar: somos uma pequena família, moldada nas normas e deveres escotistas, estimamo-nos e respeitamo-nos inflexìvelmente. Que o digam as tertúlias que se realizam todos os dias 23 de cada mês, com maior ou menor frequência e que só às dificuldades da saúde ou deveres profissionais impedem de cumprir esse salutar dever.

Que, para o ano, Deus permita que aqui estejamos novamente e possamos contar um número mais elevado de companheiros e suas famílias. Para isso, que cada um se esforce, no possível, em manter o ambiente de franca e leal camaradagem e que tudo se faça como é desejo de todos e da prestimosa e esforçada comissão campista que este ano teve o privilégio de fazer a sua simpática estreia.

Um bravo para os companheiros, Clímaco, Xavier, Santos e Pinto, e também para Mariano Garcia que colaborou ìntimamente com aquela Comissão.

HUMBERTO MARTINS

OUVINDO OS ANTIGOS ESCOTEIROS

Uma curiosa recordação do Jambori de 1920

As reuniões de Tertúlia dos Antigos Escoteiros continuam a realizar-se ao jantar do dia 23 de cada mês, normalmente na Rua de S. Paulo, n.º 170. Juntando-se antigos companheiros, é natural que surja espontâneamente o tecer de recordações. Num dos últimos encontros, pudemos colher este interessante apontamento:

A delegação dos Escoteiros de Portugal ao I Jambori Mundial, que se efectuou em Londres, em 1920, foi constituída por um brilhante grupo de 11 jovens escoteiros, de que, passados tantos anos, temos ainda razão para nos orgulhar. São eles os srs. Humberto Martins, hoje presidente da Fraternal; Albano da Silva, actual secretário-geral da A. E. P.; Alberto Lima Basto, director do Rádio Clube Português; coronel Joaquim Duarte Borrego, Carlos Frias, prof. eng.º Henrique de Barros, dr. Dinis Curson e dr. José Maria Galvão Teles. Constituíam ainda a delegação: Sobral Martins, Franquelim de Oliveira e José Borrego, infelizmente já falecidos. A delegação foi acompanhada pelo sr. Roberto Moreton, da direcção da A. E. P., que tudo diligenciou para que os nossos rapazes fossem ali bem recebidos.

Entre as diversas visitas feitas na capital britânica, destacou-se a presença no Museu de Guerra. Portugal participara no recente conflito e da delegação havia pelo menos dois ex-combatentes: Humberto Martins e Joaquim Borrego. Naturalmente, porque todos sentiam bem o amor da sua pátria, procuraram tudo o que se podia relacionar com Portugal, mas ficaram profundamente decepcionados por não verem naquele museu uma bandeira portuguesa, quando ali se encontravam os pavilhões de outras nações combatentes.

Os Escoteiros de Portugal não saíram de Londres sem se dirigirem à Legação de Portugal a apresentar cumprimentos ao respectivo ministro, que era então o ilustre dr. Manuel Teixeira Gomes, que deixou aquele cargo para ser investido Presidente da República, e ali gozava de tanto prestígio que o Governo britânico o fez colocar em Lisboa num vaso de guerra.

Durante a recepção, os nossos rapazes ardiam de inquietação, pois sentiam desejo de expressar o seu desgosto pela ausência da nossa bandeira no Museu de Guerra. E fizeram-no. Teixeira Gomes compreendeu o justificado desapontamento dos rapazes, e procurando uma explicação e desculpa para a omissão, disse-lhes que estava convencido de que vira ali a nossa bandeira por acasião da visita que fizera ao museu.

Um dos escoteiros, cuja família mantinha relações amigas com Teixeira Gomes e tinha por isso intimidade com o ministro, não se conteve e, com uma irreverência própria da mocidade, concluiu:

— *Então, é porque foi para lavar...*

* * *

Os nossos escoteiros tiveram, afinal, uma compensação. No pavilhão Olímpia, onde se realizava o primeiro jambori mundial, havia uma feira na qual, em *stands* próprios, se expunham para venda trabalhos manuais dos escoteiros. Os nossos rapazes procuravam por toda a parte alguma coisa que lhes falasse de Portugal. Até que, no *stand* de um grupo de escoteiros de Manchester, se lhes deparou uma tábua pirogravada com as nossas cores nacionais e o seguinte dístico:

Soidades do meu terra
Este é o meu pátria bem amada.

A alegria dos rapazes foi enorme. Vieram depois a saber que o chefe daquele grupo, um jovem engenheiro, que fora o autor do trabalho, tinha nascido em Cabo Verde e lá vivera na sua infância e adolescência, tendo permanecido um sincero amigo de Portugal.

FILATELIA

Conclusão da pág. 6

que oferecem para troca. Neste caso, as trocas serão feitas segundo o valor facial para selos emitidos depois de 1945. Para selos anteriores a esta data, será usado o católogo Yvert, mas a Bolsa destina-se especialmente a principiantes e, portanto, a selos relativamente recentes.

Se não for possível efectuar a troca, os selos enviados serão devolvidos. Os pedidos devem ser acompanhados de um selo de 1$00 para franquia postal.

Os primeiros 10 concorrentes receberão uma interessante lembrança filatélica, oferta de «Sempre Pronto».

Dr. Albert Schweitzer

Em memória de dr. Albert Schweitzer, recentemente falecido, a Casa da Moeda de Munique emitirá uma medalha comemorativa de ouro e prata. As medalhas mostram a efígie do falecido, portador do prémio Nobel, e o hospital por ele fundado em Lambaréné.

Posto de Observação

O DESEJO DE SERVIR

O escoteiro tem a sua divisa — Sempre Pronto — e propõe-se cumpri-la em favor do seu semelhante.

O dirigente junta àquela divisa o dever voluntário de *Servir*, porque lhe preocupa prestigiar o Escotismo, que serve devotadamente, para bem dos jovens que o Movimento pròdigamente acolhe e prepara a Vida.

Obriga-me a estas reflexões a preocupação que dominou um bom amigo e antigo dirigente do grupo n.º 93, também colaborador deste Jornal, desde a sua partida para a Província de Angola, onde se encontra em missão profissional.

A quem assistiu ao jantar da Fraternal, onde se despediu dos companheiros da Metrópole, António da Cunha e Silva prometeu vagamente que em terras de Angola, se a ocasião lhe fosse propícia, não deixaria de *servir* o Movimento.

Ali chegado, muito embora o dominassem outras obrigações, não deixou de procurar a oportunidade de *servir* o Escotismo e esta surgiu quando duma visita ao grupo n.º 36. Inteirou-se das suas dificuldades, entre as quais avultava a falta de uma sede condigna, onde os escoteiros se acolhessem e pudessem aprender o muito de útil que o Escotismo lhes ensina.

António Cunha não se ficou em promessas e palavras de estímulo. Moveu influências, procurou amizades e, em poucos dias, um Homem desconhecido e recém-chegado conseguiu aquilo por que o grupo de escoteiros ansiava há dezenas de anos: a sua sede.

«Sempre Pronto», no número anterior —, deu já notícia da concessão da nova sede ao grupo de escoteiros de Luanda. Tudo parece ter decorrido com a maior facilidade, não havendo impossíveis a vencer, mas sem a dedicação escotista de António Cunha, o grupo n.º 36 continuaria a vegetar num barracão impróprio para sede, onde certamente acabaria por morrer.

Em António Cunha existiu o desejo de *Servir*.

Sem pretender acusar quem quer que seja, não posso deixar de fazer um relance pelo que se passa na Metrópole, apesar de toda a *protecção* de que goza aqui o Escotismo.

Segue na pág. 11

UM AVISO À MOCIDADE

«Sempre Pronto» publicou no seu número duplo de Janeiro-Fevereiro últimos, um artigo sob o título acima, em que era chamada a atenção para os inconvenientes da propaganda que se vinha fazendo do jogo, tecendo a esse propósito considerações em que se realçava o valor do trabalho e a conveniência deste ser prestigiado e recompensado com justiça. Em comentário a este nosso artigo, o «Jornal do Comércio» publicou em 28 de Setembro passado um interessante trabalho da autoria do sr. dr. A. Sebastião Gonçalves, que desejamos transcrever. O Articulista é brilhante e assíduo colaborador daquele diário, onde tem publicado úteis trabalhos sobre economia e organização de empresas, em que afirma o seu muito saber e competência, revelando um espírito clarividente e desejoso de progresso. Dizia o referido artigo:

A propósito de nível de salários

Foi-me remetido, amàvelmente, um jornal português, talvez de muito fraca tiragem, que se dirige essencialmente aos jovens. No número que recebi — de Janeiro/Fevereiro do ano corrente —, lê-se (li eu) com muito agrado um artigo sob o título de «Um aviso à mocidade», de onde sinto a tentação de transcrever a seguinte passagem:

Feita a transcrição, o A. comenta:

A tentação de transcrever não se limitou, na verdade, a este pequeno trecho; mas basta-nos a transcrição feita para se perceber quanto interesse o artigo comporta.

O primeiro ponto para que é chamada a atenção consiste na consciência que deverão ter aqueles que trabalham, quanto a constituírem «uma pedra vital na economia da Nação». Este conceito tem importantes implicações e que, em boa verdade, talvez nem sejam todas fàcilmente identificáveis. No entanto, mesmo em campo mais restrito, hoje parece não haver dúvidas de que um operário — agindo apenas como peça de uma engrenagem, apenas como elemento de um conjunto que o transcende, mesmo nos seus rudimentos —, não poderá ser um agente válido numa economia de produção, pois a valorização carece de se tornar plena, dado que a intervenção dele na actividade produtora tem de começar fora da fábrica: antes de ser operário carece de ser um elemento de uma sociedade em evolução, contribuindo, portanto, para acelerar esse movimento, ao menos no ritmo que os demais imprimem nas sociedades em que se integram; mas isso só é possível quando o operário — englobando nesta expressão o conceito mais amplo —, não é contado apenas como um número no conjunto das peças capazes de produzirem esforço físico, mas entra a colaborar em todo um processo de valorização, nos vários aspectos que tal valorização pode tomar, e onde a actividade económica de produção não é mais do que um caso particular e, sem dúvida, um caso consequente.

Seguidamente é feita a afirmação de que, para que a pessoa que trabalha tenha a consciência de constituir uma pedra vital na economia da Nação, se torna indispensável ser ela respeitada e prestigiada no exercício das suas funções. Aqui se está pondo um problema que não poderá ser apresentado de modo diferente, se nos apegarmos àqueles princípios morais que não podem deixar de formar a base do entendimento entre os homens, ao menos no âmbito do espaço nacional. O respeito e o prestígio no exercício das funções (e fora delas, naturalmente) constituiria um princípio de tal modo fundamental que nem deveria ter necessidade de se traduzir por escrito, tão enraizado deveria estar ela nas próprias consciências.

Mas...

Ganha-se sempre em ver escrita essa afirmação de respeito pelo exercício da função, e tal princípio é ainda válido mesmo no campo das coisas económicas, embora haja quem pense de forma diferente.

No entanto, entra o articulista a considerar o nível dos salários como consequente do que antes dissera, dizendo que «os salários baixos são um perigo que importa denunciar».

Mas, denunciar a quem? Denunciar ou evitar?

Ora aqui se põe um problema caracterizadamente económico. A questão dos salários, mesmo para lá do âmbito restrito nacional tem uma feição eminentemente enquadrada na prática em curso da oferta e da procura, embora todas as correcções que sejam impostas por via legal, como em outros casos de fixação de preços. Parece, porém, não se tratar, fundamentalmente, de um aspecto de justiça social, como o autor classifica, mas sim de uma consequência de índole económica, em face do próprio funcionamento da produção nacional. Quase sempre se é tentado a confrontar os salários pagos entre nós com aqueles que são pagos em outros países, especialmente quando se trata de operários que escolheram outras terras, remetendo agora dinheiro para a família que por cá ficou ainda. Olha-se para esse dinheiro — que é apenas uma parcela do salário por lá auferido — e confronta-se com o que antes o mesmo português ganhava na sua terra. Fazendo isto, outra coisa se não está fazendo, no fundo, do que confrontar economias de países diferentes, no enquadramento geral da produção, sem pensarmos em premissas de justiça social.

Dizer-se que «o trabalho tem de ser retribuído com nobreza», é uma figura literária de elevado valor e que corresponde a uma intenção de alto merecimento. Mas os salários, como remuneração do trabalho e adentro de uma economia estável, não podem exceder as efectivas possibilidades da economia em que se integram. Na verdade, não se aceitaria a afirmação de que os salários altos são pagos nos países onde é mais elevada a nobreza dos industriais, mesmo dando àquela palavra o seu conceito adequado.

Lendo, com o maior interesse, o artigo em causa e afirmando a minha inteira concordância com os princípios que o informam, apenas me resta uma dúvida, a qual me surge no próprio endereço que se contém no título escolhido: — «Um aviso à mocidade». Mas por que à mocidade?

O que se diz em todo o artigo é um aviso, sim, mas não à mocidade: ou, ao menos, a mocidade só poderá aparecer talvez em último lugar, pois muito antes dela estão os que mais directa e imediatamente lucrariam em tomar o aviso na devida conta. A mocidade, essa, terá de preparar-se para criar as condições que possibilitem o tal nível de salários, como consequência e não como uma causa. Mas a mocidade tem de olhar para o momento presente, e a questão posta é, antes de tudo, um caso actual. E, por outro lado, será que a Mocidade se prepara a si própria?

A. SEBASTIÃO GONÇALVES

◆

Embora o nome do nosso jornal não tivesse sido citado, estamos muito agradecidos pela atenção que o sr. dr. A. Sebastão Gonçalves se dignou dispensar-lhe, honrando-o com a sua concordância e comentários. Esboçou, no entanto, algumas interrogações, que nos sentimos no dever de tentar responder.

Diziamos naquele nosso trabalho que os salários baixos são um perigo que importa denunciar. *E aquele articulista pergunta:* Mas denunciar a quem? Denunciar ou evitar?

Repetimos que importa denunciar, tornar público, dar a conhecer, para que através deste acto de divulgação possa então ser evitado.

Dizer que o trabalho tem de ser retribuído com nobreza *não é apenas uma maneira literária de fazer uma afirmação acertada. Podíamos ter dito* generosidade, *mas nobreza é mais do que isso, tem um significado de dignidade. O salário não deve ser apenas pagamento de trabalho, deve também constituir um estímulo para o trabalhador e uma forma deste se sentir* interessado *na produção. Sobretudo, se se trata de jovens, o salário deve ter um sentido educativo. Nada mais nefasto para a formação profissional dos novos de que o sentimento de frustração consequente do reconhecimento de que o salário não recompensa o esforço e capacidade, mas é directamente proporcional ao grau de* protecção *de que goza o empregado. Ora*

Segue na pág. 8

O DESEJO DE SERVIR

Seguimento da pág. 10

A maioria dos grupos vive em sedes impróprias, outros nem sequer as possuem, numa confragedora manifestação de fraqueza que nos coloca em lamentável situação de inferioridade.

Definha-se à míngua de locais apropriados onde o Escotismo se desenvolva e proporcione aos jovens todo o valor moral e patriótico que a sua doutrina contém.

Permiti-me já sugerir nestas colunas o aproveitamento de alguns dos locais, recentemente abandonados pelos serviços públicos por carência de condições ou por conveniência de centralização de serviços. Parecia fácil, mas não tive ainda conhecimento que fosse possível uma única boa vontade, mesmo para resolver o problema de um grupo de apreciável actividade e numeroso efectivo que se encontra presentemente paralisado por falta de uma sede.

Estará o Movimento entre nós condenado eternamente a esta condição de probreza? Ou será que o exemplo de António Cunha despertará em alguns dirigentes o desejo de *Servir?*

MARIANO GARCIA

6.ª ASSEMBLEIA GERAL MUNDIAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

De 26 a 30 de Agosto passado, reuniu em Bruxelas, no novo edifício da Universidade, a 6.ª assembleia mundial dos antigos escoteiros e antigas guias. Estiveram presentes cerca de 100 delegados e observadores, fazendo-se muitos acompanhar de pessoas de suas famílias. Estiveram representados, por delegados ou observadores, os seguintes países: Alemanha (República Federal), Austrália, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Grã-Bretanha (Escócia e Inglaterra), Holanda, Índia, Irlanda, Itália, Noruega, Portugal, Suécia e Suíça,

A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal fez-se representar pelo secretário da Direcção, na qualidade de observador, o sr. Wolfgang Karl, que se ofereceu para prestar esse serviço à associação sem quaisquer encargos para esta. Este partiu de avião, tendo-lhe apresentado cumprimentos no aeroporto o sr. Albano da Silva e sua família, particularmente seu filho, o escoteiro Jorge.

O sr. Wolfgang Karl, embora de nacionalidade alemã, vive há muitos anos em Portugal, desde a sua mocidade, e aqui foi escoteiro. Foi portador da nossa bandeira nacional, que esteve portanto arvorada em lugar de honra, e levou as saudações dos antigos escoteiros de Portugal, tendo igualmente trazido fraternais saudações dos membros daquela assembleia. Os Antigos Escoteiros manifestam o desejo de que os antigos escoteiros portugueses enviem de futuro mais larga representação às reuniões da Amizade Internacional

A assembleia estudou os problemas do desenvolvimento das Fraternais, o assunto de publicações, revisão dos estatutos do movimento, e tratou ainda da eleição de quatro novos membros para o Conselho Mundial, em substituição daqueles que terminaram o seu mandato. Foram eleitos:

O sr. Werner Barblan, da Suíça, um dedicado amigo dos Antigos Escoteiros de Portugal, que nos deu já a honra de sua visita e tem mantido permanente contacto com a nossa Fraternal.

A sr.ª D. Kathrine Simonsen, da Noruega, chefe de Guias desde 1926, formada em filosofia, psicologista e educadora.



Um aspecto da assisténcia

O dr. Alberto Vaghi, da Itália, escoteiro desde 1916, notável médico-cirurgião e professor de radiologia na Universidade de Milão. É também dirigente e responsável das relacções internacionais do «Lions' Club».

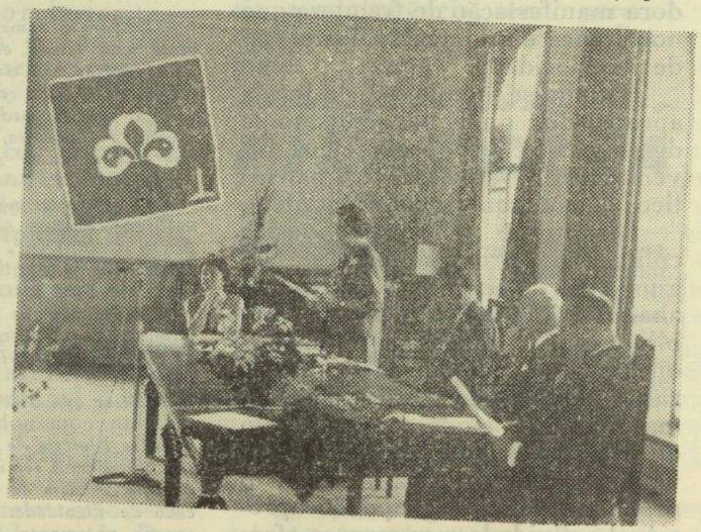
O dr. Justice Hidayatullah, da Índia, membro do Supremo Tribunal de Delhi.

— * —

À reunião de abertura da Assembleia, presidiu o Coronel Wilson, que dirigiu a palavra aos delegados presentes. Falou também a sr.ª D. Ada P. Cornil.

Durante o encontro, foram realizadas excursões e visitas de estudo a museus e a locais de interesse em Bruxelas e arredores.

No regresso a Portugal, o sr. W. Karl passou por Londres, onde teve ocasião de abraçar o nosso companheiro sr. Daniel Correia, que ali se encontra há dois anos, e que enviou saudações para todos os companheiros de Portugal.



O Coronel Wilson no lugar de honra da Mesa que presidiu à sessão inaugural, no momento em que falava Ada Cornil

AÇORES

Seguimento da pág. 5

no Monte Brasil, onde vários elementos prestaram provas de campo e de especialidade.

CASAMENTO

Na paroquial das Cinco Ribeiras, da Ilha Terceira, realizou o seu casamento, no dia 29 de Agosto passado, a sr.ª D. Celina Moules da Rocha Moreira, filha da sr.ª D. Rita de Jesus Moules e do sr. Joaquim Inácio da Rocha, do lugar do Pesqueiro, S. Bartolomeu, com o dedicado sub-chefe do Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal em Angra do Heroísmo, sr. Ludgero Morais Moreira, mecânico do quadro da Junta Geral do Distrito, filho da sr.ª D. Rosa de Lourdes Moreira e do sr. José Moreira dos Santos.

Foram padrinhos da noiva a sr.ª D. Maria João Moreira Moniz e seu marido, sr. Alfredo Cristiano Moniz, e do noivo, a sr.ª D. Maria das Mercês Barcelos Borges e seu marido, sr. António Henrique Dias Borges, sendo testemunha qualificada o Rev. P.e Fraga, de S. Bartolomeu.

Uma delegação de escoteiros do Grupo 62 da A. E. P., fez guarda de honra, junto à Igreja das Cinco Ribeiras formando abóbada com varas, à saída do templo.

Finda a cerimónia, foi servido um almoço regional aos numerosos convidados, na residência dos pais da noiva.

Ao novo par desejamos as maiores felicidades.

AMIGOS QUE PARTEM

Têm partido ùltimamente desta ilha numerosos militares, membros da Estação Americana da B. A. 4 (Lajes), que regressam aos Estados Unidos, após terem cumprido o seu período de serviço, entre os quais se contam diversos dirigentes dos núcleos escotistas americanos existentes nas Lajes.

Além dos senhores Cap. Roberto C. Brown, Cap. Lyle P. Earney, Ten-Cor. Frank C. Wiatt. Jr., devemos salientar ainda o nome do sr. Major Stephen Deturk, que colaborou activamente, durante mais de quatro anos, com o E. C. Moniz Silva, na consecução dos sãos princípios que informam a cooperação e confraternização Luso-Americana, nomeadamente entre os Escoteiros e Dirigentes dos dois países.

Com um aperto da mão esquerda, desejamos aos antigos Companheiros de lides escotistas e a suas famílias as maiores prosperidades — C.

Escotismo no Mundo

Contrastes dos tempos que correm

A Zâmbia, um dos países de África que atingiram recentemente a independência, resolveu *africanizar* os nomes das suas cidades. A Avenida Winston Churchill, em Brokenhill passou a chamar-se Kalambo Drive, e a Avenida Baden-Powell tomou o nome de Avenida Cha-Cha-Cha, grito de guerra dos guerrilheiros zambinos.

Enquanto neste país assim se procede, na capital do Paraguai, Assunção, foi inaugurada uma placa dedicada a Baden-Powell na esquina da Rua Lorde Baden-Powell. O acto teve a presença do Embaixador da Grã-Bretanha, do Presidente da Câmara dos Representantes, outras autoridades e muitos escoteiros.

Também no Brasil, em Bauru, São Paulo, foi inaugurada a Rua Baden-Powell com um acto festivo a que assistiram autoridades e muitos escoteiros. A placa de bronze, oferecida por um grupo de escoteiros, diz: ***Rua Baden-Powell — 1914-1964 — Cinquentenário da Introdução do Escotismo no Brasil.***

Concurso "VALORES HUMANOS"

FIGURA N.º 7



Para muitos críticos, é o mais extraordinário compositor de todos os tempos.

A sua infância, foi muito promissora, pois bem cedo começou a revelar invulgar vocação para a arte dos sons. Seu pai, violionista de valor, iniciou-o nesta nobre actividade, quando ainda ele era da mais tenra idade. Tal facto, permitiu-lhe que aos quatro anos já tocasse cravo com inexcedível correcção e, aos cinco, começasse os ensaios de composição.

Quando fez 6 anos, este músico genial e sua irmã, acompanhados por seu pai, empreenderam uma digressão artística pela Alemanha, onde este compositor obteve assinalável êxito, dado o talento de que deu provas.

No entanto, quando cresceu, o fascínio de criança-prodígio deixou de obrar os seus efeitos, apesar de manter e desenvolver as suas notáveis aptidões para a composição e execução musicais.

Entrou para o serviço do arcebispo da cidade onde vivia, como primeiro violino. No entanto, recebia contínuos vexames do seu protector, que o colocava numa situação de constante subalternidade, fazendo-o viver e sentar-se à mesa com os seus criados.

Os anos passaram e, aos 25, instala-se em Viena, onde vive com dificuldades. Começa, então, a sua incomparável actividade criadora: Missas, cantatas, sinfonias, concertos, óperas, serenatas, minuetes, rondós, danças, marchas, etc., saem da sua prodigiosa inspiração.

No entanto, a sua fraca compleição física ressentia-se. Era a doença que o minava.

Com 35 anos apenas, recebe a encomenda de uma missa de *Requiem*, o que lhe traz maus pressentimentos, os quais, infelizmente, viriam a ter razão de ser. De facto, foi a última composição deste célebre músico, que, aliás, nem chegou a acabar.

Morreu na maior penúria. O seu enterro efectuou-se num dia de grande tempestade de neve, motivo por que ninguém o acompanhou. Foi para a vala comum, onde o seu corpo não mais viria a ser reconhecido.

Atenção: A resposta a esta nótula pode ser-nos remetida até final do próximo mês de Novembro.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

De luto

Pelo falecimento de sua saudosa mãe, sr.ª D. Maria Madalena Lapa, ocorrido recentemente, encontra-se de luto o nosso ilustre amigo e dedicado assinante patrocinador sr. Prof. Dr. João Faria Lapa, a quem endereçamos os nossos sentidos pêsames.

★ No dia 5 de Setembro p. p., faleceu o sr. Luís Carlos Soares, irmão do nosso amigo e dedicado assinante sr. Armando Jaime Soares, chefe-ajudante do Grupo n.º 2, a quem apresentamos sentidas condolências.

★ No dia 29 de Setembro p. p., faleceu a menina Rosa Maria Vieira Zambujinho, de 3 anos de idade, filha da sr.ª D. Maria Cristina Vieira Zambujinho e do sr. José Zambujinho, e sobrinha dos srs. Custódio Baptista Vieira e João Baptista Vieira, gerentes da Tipografia Vieira.

A' família em crepes, e em especial a estes nossos prezados amigos, apresentamos sentidas condolências.

Doentes

Foi recentemente submetida a uma operação à vista, a sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Esteves Pereira, vice-presidente do Conselho Nacional dos Antigos Escoteiros de Portugal e nossa dedicada assinante.

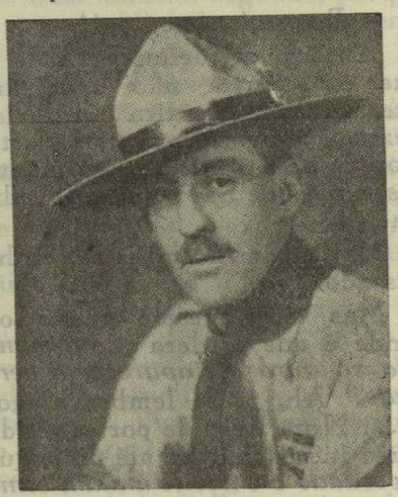
A operação decorreu muito bem e aguarda-se com esperança que os resultados sejam bons, do que fazemos sinceros votos.

★ Em Lourenço Marques, tem estado bastante doente e internada numa clínica a esposa do nosso dedicado amigo e assinante sr. Edmundo S. Matos. Sabemos que esta senhora tem obtido melhoras, que desejamos se acentuem até ao completo restabelecimento.

O GENERAL DANIEL C. SPRY

deixou o cargo de Director da Repartição Mundial de Escotismo

Conforme já tinha sido anunciado, na Conferência Mundial de Escotismo, que se efectuou no México em Setembro passado, o general Spry apresentou o seu pedido de demissão do cargo de



O General Spry

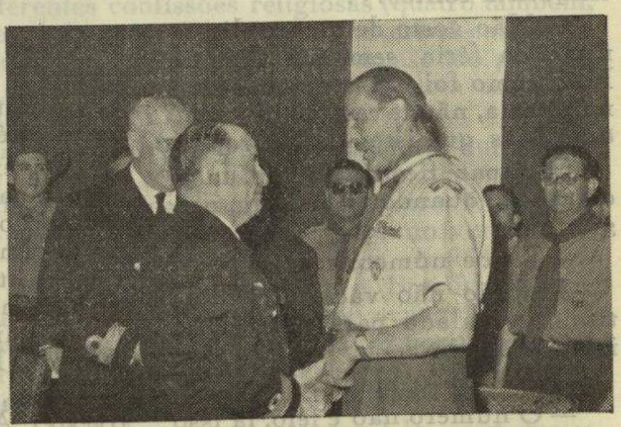
Director da Repartição Mundial.

A passagem do General Spry pelo mais alto cargo do Escotismo Mundial fica assinalada por um período de progresso e adopção de medidas que contribuíram decididamente para mais vastos horizontes do Movimento. Uma destas medidas foi a transferência, por decisão da Conferência Mundial, da sede da Repartição de Londres para Otava, no Canadá, e agora o êxito da campanha para 10 milhões de membros activos.

O General Spry foi o mais jovem Major-General das Forças Britânicas na II Guerra Mundial, cargo a que ascendeu apenas com a idade de 31 anos. Começou a sua vida escoteira como lobito e passou por todas as divisões até Chefe Ajudante de Exploradores e Chefe de Lobitos.

Em 1949, foi eleito membro do Conselho Mundial de Escotismo, de que se demitiu em 1 de Outubro de 1951, por ter sido nomeado Director adjunto da Repartição Mundial. Em Novembro de 1953, assumiu o cargo de Director, substituindo o prestigioso Coronel Wilson. Desde 1949, Spry viajou por todo o mundo a fim de visitar as diversas associações escoteiras e animar os movimentos nacionais, tendo participado também em todas as conferências, jamboris e outras reuniões mundiais que periòdicamente se realizam.

Esteve em Portugal em 1950, em 1959 e em 1961, tendo deixado aqui muitos amigos em face do seu carácter lhano e agradável. Os escoteiros portugueses tiveram ocasião de o ouvir em diversas ocasiões, particularmente em 1959, numa sessão efectuada no ginásio da Escola Francisco Arruda, na qual ele afirmou o seu espírito escoteiro e qualidades de educador.



O General Spry cumprimenta o sr. Almirante Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal, quando em 1959, recebeu em Portugal, a medalha Lis de Prata

Não podemos dizer que o Escotismo Mundial perde um dos seus melhores elementos, porque, estamos certos, o General Spry continuará presente como membro do Movimento.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Números 245-246

★

SETEMBRO OUTUBRO de 1965

A VIDA MARAVILHOSA de Alberto Schweitzer

Seguimento da primeira página

muito prestígio e reputado como autoridade na construção de órgãos e ele mesmo um devoto daquele instrumento, com grande capacidade de execução e de improvisação. O pai de Alberto gostava também de improvisar ao órgão e não raras vezes deliciava as crianças com melodias. Era homem bondoso, profundamente crente e humilde.

A Alsácia tinha sido francesa até 1870, data em que, por contigências da guerra, passara a ser alemã. Convergiam portanto ali duas tradições, a francesa e a alemã. A população falava um dialeto alemão, mas usava igualmente o francês e o alemão.

A ascendência de Alberto Schweitzer ajuda-nos a compreender muito da sua extraordinária personalidade. A extrema sensibilidade de que deu provas está plenamente justificada pela espiritualidade e vocação musical de suas famílias.

Desde cedo, o menino se habituou a assistir ao culto da igreja, e, apesar da sua pouca idade, nunca se enfadava de ouvir os sermões. A música, sobretudo, enternecia-o e era com deleite que escutava os harmoniosos sons do órgão. Muitos anos mais tarde, nas «Memórias da Infância e Juventude», Schweitzer confessaria quanto apreciava os sermões do pai e como notava que eles eram o reflexo das experiências do dia a dia. As ilustrações que acompanhavam as prédicas tinham um cunho de realidade tão impressionante que, nos últimos anos de sua vida, Schweitzer ainda as recordava. Também reconhecia ter sido profundamente tocado pelo cunho de reverência e espírito de adoração com que o povo tomava parte nos ofícios, circunstância que pode servir para meditação das actuais congregações.

Por uma lei de Luís XIV, a comunidade evangélica de Günsbach compartilhava com a congressão católica o uso do seu templo e fazia-o com alegria. O pastor e o padre eram dois bons cristãos, que se estimavam e viviam no melhor entendimento. Alberto não ficou insensível a este ambiente de compreensão e tolerância que viria a dar bastas provas em toda a sua vida.

No culto divino, havia porém uma coisa que o trazia impressionado. Sempre que o órgão começava a encher o templo com as suas harmonias deliciosas, aparecia no coro, ao fundo da igreja, uma cara peluda, que parecia suspensa do tecto e não tinha corpo. Mas, logo que o pai se levantava para falar, a estranha figura desaparecia. Era com certeza o Diabo. Alberto sentia-se orgulhoso do poder de seu pai sobre o Maligno, mas andava preocupado com o assunto e não descansou enquanto não o esclareceu. Pela sua investigação veio depois a descobrir que a figura do Diabo não era afinal mais do que o rosto do *barbaças* do organista reflectido num espelho. Sempre que ele se sentava ao órgão, surgia o seu rosto. Esta experiência serviu para que Schweitzer se habituasse desde novo a não aceitar as coisas pela simples aparência e criasse o hábito de investigar e procurar a verdade.

Na idade própria, Alberto foi enviado à escola da localidade. Um novo mundo se abriu para ele, em que participava com alegria. Numa tarde de Outono, ao regressar a casa na companhia do seu vizinho Jorge, caminharam pelas veredas atapetadas de folhas das árvores, que pisavam com aquele regozijo de que só as crianças são capazes. Em determinada altura, pararam. Jorge, mais alto e mais forte, mediu o seu companheiro e, verificando a diferença de estaturas, afirmou-lhe orgulhoso:

— Não tenho medo de ti!

— Nem eu de ti!

— Aposto que não és capaz de lutar comigo — desafiou o Jorge.

— Experimenta — retorquiu Alberto.

— Se eu quiser, deito-te ao chão num instante.

Jorge juntou os actos às palavras e, num salto rápido, agarrou o companheiro pela cintura. Alberto sentiu que ia cair e pôs na luta o maior ardor. Recuou um pé, firmou-se bem, meteu a cabeça ao peito do adversário e este viu-se forçado a largá-lo. A luta prosseguiu silenciosa e dura. A certa altura, Alberto baixou-se e lançou-se aos joelhos do Jorge, que, não se aguentando com o enérgico golpe, cambaleou e caiu sem tempo para reagir. Quando deu por si, estava Alberto encavalitado no seu tronco, rindo amigàvelmente, num gesto inteiramente desportivo.

— Então, quem ganhou? Jogo leal! — comentou o vencedor.

Jorge, confundido, procurou a resposta que pudesse compensar o seu orgulho ferido:

— Está bem, pequeno Schweitzer, ganhaste. Não admira, és filho de um ministro. Aposto que nunca passaste fome. Se eu tivesse sopa duas vezes por semana como tu tens, seria tão forte como tu.

As palavras de Jorge causaram profundo choque em Alberto. Retirou-se de cima do amigo, limpou as mãos e a roupa, apanhou os livros e partiu como uma flecha.

Jorge depressa se arrependeu do que tinha dito. Alberto era bom companheiro, estimado por toda a gente e não quisera ofendê-lo. Ainda lhe gritou: — Espera aí, Alberto — mas este já ia longe e pareceu nem sequer ouvir o apelo.

Este incidente teve extraordinária influência em toda a vida de Schweitzer. A partir desse momento, Alberto recusava tudo que o pudesse distinguir dos seus companheiros de escola. Sua mãe fazia milagres para conseguir que seus filhos se apresentassem de maneira a não desmerecer a posição do pai. As roupas do pastor eram aproveitadas para os filhos, já que os proventos eram modestos. Certa vez, de um agasalho velho de seu pai, fez-lhe um sobretudo. Alberto, recusou-se terminantemente a vesti-lo. O caso surpreendeu a mãe porque o agasalho era tão necessário e estava tão bonito, que deveria ser acolhido com entusiasmo. Foi, então, que pela vez primeira Alberto revelou alguma coisa do que se passava no seu íntimo ao dizer: — Mas, minha mãe, nenhum dos outros rapazes tem sobretudo!

Alberto fazia questão em ir à escola com tamancos, luvas sem dedos (mitenes) e um barrete campesino de lã. A coisa tomou tal aspecto que sua mãe se sentiu constrangida a expor o caso ao marido. Foi assim que Alberto se viu, certa tarde, chamado ao escritório do pai, um gabinete cheio de livros onde ele se sentia tão mal que, ao entrar, prometeu a si próprio: — «Jamais serei um intelectual ou escritor como meu pai!».

O pai fez-lhe sentir os sacrifícios que sua mãe fazia para os apresentar bem vestidos e alimentados e a necessidade dos filhos a ajudarem, apresentando-se de harmonia com a sua posição. E concluiu:

— Espero que, ao menos por amor de tua mãe, não esqueças as minhas palavras.

Alberto não revelava fàcilmente os sentimentos que o preocupavam. Tinha, além disso, tão grande respeito pelo pai que não ousava discutir os seus conselhos. Mas continuou a fazer toda a diligência para que coisa nenhuma o diferençasse dos rapazes do vale, filhos de mineiros e agricultores. Até que um dia, o pastor excepcionalmente irritado, lhe pegou num braço e o levou à cave, proibindo-o de aparecer nessas condições às visitas de sua mãe.

Por outro lado, procurava acamaradar com os garotos nas suas tropelias nas ruas, mas muitas vezes sentia-se deslocado em face da sua sensibilidade e educação. Certa vez acompanhou os rapazes nas vaias e gritaria com que afligiam um pobre vendedor judeu, mas logo recuou triste e acabrunhado quando se confrontou com o sorriso triste e humilde da vítima.

Outra ocasião, num lindo dia de primavera, o seu companheiro Henrique Bräsch mostrou-lhe uma esplêndida fisga de nogueira. Alberto pegou nela, esticou o elástico, e ficou encantado. O amigo compreendendo o desejo que ela tinha de possuir uma assim, disse-lhe:

— Também podes ter uma. Fui eu quem fez esta. Tens aqui um elástico que sobrou, arranjas um forcado e fazes uma fàcilmente.

Em breve outra fisga brilhava nas mãos de Alberto.

— Que vamos fazer? Uma batalha com pedras?

— Não — respondeu Henrique — isso seria uma brincadeira. Vamos antes para o bosque, aos pássaros.

Num instante desapareceu toda a alegria de Alberto. Horrorizou-se ao pensar que poderia vir a ter um passarinho morto na sua mão. Mas que fazer? Se recusasse a proposta do amigo, este ficaria a troçar dele. Chamar-lhe-ia, mais uma vez, *fidalguinho* e iria contar o caso aos outros rapazes. Dentro em pouco todos se juntariam para rir dele.

Vencido, seguiu o amigo rumo ao campo. O tempo estava magnífico, as flores enchiam a atmosfera de preciosos perfumes e os pássaros, esvoaçando, davam alegria ao conjunto. Por toda a parte a vida irrompia exuberante da terra, cenário magnífico que Alberto tanto apreciava. Chegados ao bosque, depressa encontram uma faia cujos ramos estavam repletos de pintassilgos.

Henrique chamou a atenção de Alberto: — Olha para eles. Que lindas penas amarelas! E as pluminhas vermelhas na cabeça!

Alberto sentia-se cada vez mais indisposto. Não sabia que fazer, mas não suportava a ideia de atingir um só passarinho que fosse.

O companheiro apanhou uma pedra, armou a fisga e preparava-se para fazer pontaria: — Vais ver enquanto apanho um.

Alberto, aturdido, pareceu-lhe ouvir naquele momento a voz do pai proferindo solenemente o mandamento *não matarás*. Não hesitou mais. Deu um grande grito, bateu enérgicas palmas e, enquanto os pintassilgos voavam sobressaltados, fugiu

Segue na pág. 5